

ASSUÉRIO MARCOS

A PEDAGOGIA DOS
MULTILETRAMENTOS
e o cordel na prática docente



ASSUÉRIO MARCOS

**A PEDAGOGIA DOS
MULTILETRAMENTOS E O
CORDEL NA PRÁTICA DOCENTE**



**Fortaleza-CE
2023**

© Copyright 2023 - Todos os direitos reservados.

FICHA TÉCNICA:

Editor-chefe: Vanques de Melo

Diagramação: Vanques Emanuel

Capa: Vanderson Xavier

Produção Editorial: Editora DINCE

Revisão: Do Autor

CONSELHO EDITORIAL:

Dr. Felipe Lima Gomes (Mestre e doutor pela UFC)

Prof. e Ma. Karine Moreira Gomes Sales (Mestra pela UECE)

Francisco Odécio Sales (Mestre pela UECE)

Ma. Roberta Araújo Formighieri

Dr. Francisco Dirceu Barro

Prof. Raimundo Carneiro Leite

Eduardo Porto Soares

Alice Maria Pinto Soares

Prof. Valdeci Cunha

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ALVES, Assuério Marcos

A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS E O CORDEL NA PRÁTICA

DOCENTE

Editora DINCE 2023. 134 p. Impresso

ISBN: 978-85-7872-674-4

DOI: [10.56089/978-85-7872-674-4](https://doi.org/10.56089/978-85-7872-674-4)

Consulta registro DOI: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/consultar-doi>

1. Literatura 2. Pedagogia 3. Prática docente

Todos os direitos reservados. Nenhum excerto desta obra pode ser reproduzido ou transmitido, por quaisquer formas ou meios, ou arquivado em sistema ou banco de dados, sem a autorização de idealizadores; permitida a citação

NOTA DA EDITORA

As informações e opiniões apresentadas nesta obra são de **AUTORIA**

EXCLUSIVA DO AUTOR e de sua inteira responsabilidade.

A DIN.CE se responsabiliza apenas pelos vícios do produto no que se refere à sua edição, considerando a impressão e apresentação. Vícios de atualização, opiniões, revisão, citações, referências ou textos compilados são de responsabilidade de seu(s) idealizador (es).

Impresso no Brasil

Impressão gráfica: DIN.CE

CENTRAL DE ATENDIMENTO:

Tel.: (85) 3231.6298 / 9.8632.4802 (WhatsApp)

Av. 2, 644, Itaperi / Parque Dois Irmãos – Fortaleza/CE

www.dince2editora.com

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, “porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém”.

Quero manifestar gratidão à minha esposa, Eva Cavalcante, pelo apoio, por acreditar em mim e investir do tempo que seria seu para que eu pudesse desenvolver meus intermináveis textos, muitas vezes, até tarde da noite ou pelas madrugadas, atrapalhando seu repouso. Muito obrigado por ser minha cúmplice neste grande projeto de vida que entramos juntos! Hoje, nós temos um filho muito querido e amado, Theodoro Cavalcante, que representa esse amor que nutrimos um pelo outro. Eu amo-te com todas as minhas forças...

Aos meus pais e sogros, que estão sempre em oração pela minha vida e forneceram-me bases para quase tudo o que tenho conquistado e o que, ainda, está por vir; eu os amo! Vocês são muito especiais para mim!

Aos meus irmãos que estão sempre torcendo, dando-me forças e incentivos para que me sinta sempre forte e capaz para enfrentar todos os desafios propostos; quão grato sou pelas vossas vidas!

À professora, Dra. Gildênia Moura, nossa tutora durante o período de ministração das disciplinas conteudísticas deste curso, nem sei mensurar a importância que você tomou em minha vida particular e acadêmica. Muito obrigado por ser tão dedicada, atenciosa, cuidadosa e solícita. Você foi uma peça fundamental na construção dessa especialização, assim como na base de produção do projeto do meu mestrado. Que Deus lhe abençoe poderosamente!

Ao professor, Dr. Lucineudo Irineu, coordenador deste curso e do Departamento de Linguística Aplicada da UECE (PosLA), sua amizade foi um presente. Você é atencioso, ágil, prestativo e muito bom no que faz. Sou teu fã!

Meu muito obrigado a todos!

“As pessoas costumam dizer que a motivação não dura para sempre. Bem, nem o efeito do banho, por isso recomenda-se diariamente!”

(Zig Ziglar).

“A gratidão é o único tesouro dos humildes”.

(William Shakespeare)

APRESENTAÇÃO

O objetivo central desse trabalho consiste em observar a eficácia da literatura de cordel como ferramenta pedagógica auxiliar aos multiletramentos na composição dos *Designs* disponíveis para o aluno, conforme o *New London Group*, na perspectiva dos componentes do “Como” ensinar. Para tanto, procura-se trazer uma descrição histórica sobre o cordel, sua natureza multimodal e sua contribuição para a educação durante o século XX no Brasil.

Além disso, busca-se trazer uma visão panorâmica sobre a Pedagogia dos Multiletramentos e a importância desses estudos para as gerações contemporâneas. Esse ponto de partida deve-se à necessidade de pensar o novo fazer pedagógico em meio a uma geração hiperconectada, em detrimento do gênero literário cordel, que embora seja uma ferramenta tão relevante ao processo educativo, vem sendo deixado de lado pelas instituições de ensino.

Assim, embasou-se toda a parte histórica sobre o cordel nas pesquisas de Galvão (2000); Marinho e Pinheiro (2012) e Lima (2013) e para os estudos acerca dos multiletramentos buscou-se um aporte teórico no *New London Group – NLG* (1996); em Rojo

(2005;2012); Cope; Kalantzis (2013), dentre outros autores que fundamentaram tópicos importantes nos capítulos.

A análise deu-se, predominantemente, sob uma abordagem qualitativa com objetivos exploratórios sob uma análise de conteúdo e aplicações de questionários para a coleta de dados. Ao final, observou-se que o cordel possui, de fato, uma natureza multissemiótica capaz de contribuir com o processo de multiletramentos e como a pedagogia do NLG deve ser inserida nos novos métodos do fazer pedagógico por meio do cordel.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
-------------------------	-----------

CAPÍTULO 1 - DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI	25
--	-----------

1.1 Um olhar para a discência em tempos modernos	26
--	----

1.2. Um olhar para a docência em tempos modernos	28
--	----

1.3 Dos letramentos aos multiletramentos	35
--	----

1.4 Os multiletramentos e a exigência de um novo perfil docente	44
---	----

CAPÍTULO 2 - O CORDEL E SUA NATUREZA MULTIMODAL	47
--	-----------

2.1 O que é, de fato, o cordel?	48
---------------------------------------	----

2.1.1 <i>A literatura de cordel e suas origens</i>	49
--	----

2.1.2 <i>A literatura de cordel em terras brasileiras</i>	53
---	----

2.1.3 <i>A estrutura formal e física da poesia em cordel e suas temáticas</i>	58
---	----

2.2 As contribuições da literatura de cordel para a educação no Brasil, no início do século XX	64
--	----

2.3 A literatura de cordel na sociedade contemporânea	77
2.4 A literatura de cordel em interface com a Pedagogia dos Multiletramentos	82

CAPÍTULO 3 - CONTEXTO E ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA ...93

3.1 As ferramentas do cordel e dos multiletramentos	94
3.2 Planejamento e Realização de Oficinas na Escola: Um Enfoque em Cordel para o 7º Ano	98
3.2.1 <i>Etapa de aprendizagem (EA)</i>	103
3.2.2 <i>Etapa de execução (EE)</i>	109
3.2.3 <i>Coleta do produto de pesquisa (CPP)</i>	110

CONCLUSÃO	119
------------------------	------------

REFERÊNCIAS	129
--------------------------	------------

INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre multiletramentos¹ vêm se intensificando ao redor do mundo nos últimos vinte anos. Ao passo que as tecnologias vão sendo aprimoradas, novas habilidades vão sendo requeridas das novas gerações, tanto na área educacional, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, quanto no mercado de trabalho, que se torna cada vez mais tecnológico e digitalizado. Esses estudos, segundo Cope e Kalantzis (2000), surgem como avanços de uma base iniciada por um grupo de professores - nos quais eles se incluem - em Nova Londres – EUA - (*New London Group*), doravante NLG², publicada em 1996, que ficou conhecido como O Manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos que, à época, já se constituía uma necessidade daquela sociedade que se desenvolvia a todo vapor.

¹ Refere-se aos letramentos múltiplos, segundo Rojo (2012). Confira mais detalhes na página 30.

² Grupo de 10 professores de vários países que se juntaram em Londres para tratar sobre a Pedagogia dos Multiletramentos em 1996, conforme (COPE; KALANTZIS, 2000 *apud* ROJO, 2012) Veja mais detalhes no capítulo II.

Trata-se, portanto, de um olhar para a multiplicidade cultural e de linguagens, bem como de novos gêneros digitais que surgiram com essas tecnologias permeadas de letramentos múltiplos. Conforme Rojo (2012), são múltiplas informações de forma simultânea indo ao encontro da diversidade cultural e de linguagens. É, sem dúvidas, um desafio para o professor em sala de aula, trabalhar essas habilidades com seus alunos, porque são gêneros sutis que estão presentes nas telas dos computadores, celulares, tablets ou qualquer outro aparelho eletrônico que o aluno disponha. Esses artefatos levam conhecimento e informações diversificadas, ligando diversas culturas ao redor do mundo, de modo simultâneo, por meio dos chats das redes sociais, jogos, vídeos, áudios, aplicativos de fotos, *sites* e tantas abas que saltam diante dos olhos o tempo todo.

Ao olhar para os gêneros do discurso em uma perspectiva Bakhtiniana³, recorda-se sua premissa de que “são tipos relativamente estáveis de enunciados”. Isso significa que um gênero poderá ser estável em algum momento e instável em outro. Nesse sentido, quando se estuda os multiletramentos, direciona-se o olhar para as multissemioses⁴, ou seja, para as várias

³ Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi um pensador e filósofo russo que estudou sobre a linguagem humana. Em sua obra *Estética da criação verbal*, o autor fala sobre gêneros do discurso qualificando-os como tipos relativamente estáveis de enunciados. Bakhtin (1979/2003, p. 262).

⁴ Trata-se das da existência de múltiplas linguagens coexistindo em um mesmo gênero textual (BRASIL, 1998, p. 20).

possibilidades dentro de um mesmo gênero de forma simultânea. Além disso, no olhar de Rojo (2012), o processo de produção textual não é mais exclusivamente linguístico porque integra imagem, som, movimento, entre outros elementos. Tudo isso converge para uma mudança nos modos de produção e de recepção, influi na coautoria e na criticidade das leituras desses textos polifônicos e hipermodais⁵.

Nessa perspectiva, levando-se em consideração a Pedagogia dos Multiletramentos, proposta pelo NLG, testaremos o passo a passo tratado por Cope e Kalantzis (2000), referente ao “Porquê” ensinar, o “Quê” ensinar e “Como” ensinar. Assim, trataremos, neste trabalho, especificamente, dos componentes do elemento “Como”, os quais são: 1. *Situated Practice (designed and designing experiences)*; 2. *Overt Instruction (design)*; 3. *Critical Framing* e 4. *Transformed Practice*.

Mais adiante, esses componentes serão detalhados e explicitados em português, pois será proposta uma estreita relação entre o que chamam Cope; Kalantzis (2000) de *Available Design* (Desenho Disponível) - o “Quê” -, e os quatro componentes do “Como”, os quais englobam os componentes relatados no final do parágrafo anterior. Vale ressaltar que os termos são usados originalmente na língua inglesa para

⁵ Grande variedade de culturas nas quais estamos inseridos representadas nos textos. Sendo assim, para a compreensão desses textos e para a comunicação, são necessários novos letramentos ou multiletramentos. (Brasil, 1998).

não perder a essência do sentido que a tradução poderia, ocasionalmente, alterar.

Pensando nos múltiplos letramentos, recorrentes na sociedade contemporânea, o autor do presente trabalho teve a oportunidade de realizar oficinas de cordel com uma turma de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, a fim de investigar a capacidade que o cordel apresenta como ferramenta eficaz e atrativa na composição do *design*⁶ inicial para que, a partir dele, inicie-se um diálogo sobre o que se pretende ensinar. Pensar sobre isso trouxe-nos uma inquietação a respeito dos multiletramentos porque, na verdade, os gêneros textuais sempre existiram. Como relatado anteriormente, podem se modificar de acordo com os propósitos comunicativos que se obtenham ou do suporte. Dessa forma, indaga-se: Em que o cordel poderá auxiliar aos multiletramentos enquanto ferramenta pedagógica no processo de ensino aprendizagem? Em que consiste, de fato, a literatura de cordel? Como se concebem os multiletramentos? Que propostas metodológicas poderiam ser oferecidas a partir da literatura de cordel para os multiletramentos?

⁶ Segundo Cope; Kalantzis (2000), são todos os gêneros e os letramentos que o aluno tem disponível tanto interna quanto externamente, no momento de sua prática, ou seja, os multiletramentos. Nesse sentido, o aluno é um grande construtor de *designs*, pois a todo momento estará se utilizando de *designs* disponíveis, realizando sobre eles uma reflexão, seguida de uma nova prática ou *redesign*. Ver página 55.

Ao tratar sobre o ensino multimodal é interessante lembrarmos que, além de colocar o aluno em uma prática situada, precisa-se pensar em recursos didáticos que ofereçam interação e envolva-o no processo de aprendizagem. Dessa forma a prática torne-se prazerosa para que se ultrapassem as fronteiras e encontre-se um sentido, engajando-o, assim, nesse processo de forma voluntária.

Nesse sentido, veio-nos o desejo de realizar uma pesquisa mais detalhada, com foco no Ensino Fundamental, que é a base dos caminhos acadêmicos de um estudante, e parece ser uma encruzilhada muito importante para promover-lhes maiores habilidades, contribuindo cognitivamente para o seu pensamento crítico. Acreditamos que, com isso, ao chegar às próximas etapas de aprendizagem, esse aluno estará pronto para agir criticamente e realizar suas práticas transformadas de forma mais autônoma e coerente.

A literatura de cordel é marca registrada do patrimônio cultural no Brasil, é parte integrante das artes dos brasileiros, sobretudo, dos nordestinos, desde o século XIX. Mais à frente detalharemos o caminho que esse bem cultural vem trilhando ao longo do século XX no país, principalmente porque foi uma ferramenta muito útil, segundo Galvão (2000), ao processo de alfabetização e letramento de muitos sertanejos. O cordel era utilizado como uma espécie de jornal, pois, muitas vezes, era nele que circulavam as notícias das cidades para os lugares mais extremos e sertões, em um período em que ainda não havia, pelo menos na zona

rural, conexões com tecnologias como TV's, rádios ou mesmo energia elétrica. Além de noticiador, o cordel servia, também, como uma fonte de outros saberes, divertia os festejos do povo, trazia renda para muitos poetas e editoras, além de ter alavancado, principalmente, como um suporte educacional.

Percebe-se, também, que as mudanças pelas quais passou a sociedade nos últimos anos trouxeram muitas novidades no meio artístico, mudaram os conceitos das novas gerações e alteraram o cenário da população. Consequentemente, os sistemas educacionais tiveram que acompanhar essas mudanças e inseriram-se nas tecnologias, surgindo-se, com isso, a necessidade de trabalhar os multiletramentos. Todavia, apesar desses estudos estarem ligados às multissemioses e aos textos multimodais modernos, neste trabalho, projeta-se um mergulho de volta a uma ferramenta de velhas datas, mas que também traz, em sua essência, multiformas de aprendizagem e pode ser muito útil como suporte auxiliar ao professor contemporâneo, visto que não depende de tecnologias digitais para ser trabalhada.

Nesse contexto, o objetivo geral aqui é apresentar o cordel como uma ferramenta pedagógica auxiliar de multiletramentos para o processo de ensino. Assim, descrever o cordel, gênero literário que representa a cultura brasileira, especialmente da região Nordeste, sua natureza multissemiótica e contribuições para a educação no Brasil. Pretende-se, também, demonstrar, de forma expositiva, a Pedagogia dos

Multiletramentos e mostrar a eficácia do uso do cordel como um *design* disponível no ensino do gênero textual notícia, segundo a prática pedagógica dos multiletramentos, na perspectiva do componente “Como” do NLG, a fim de construir novas práticas refletidas. Por fim, pretende-se, também, oferecer propostas de metodologias de ensino a partir da literatura de cordel, seguindo a proposta pedagógica do NLG.

A proposta pedagógica deste trabalho gira em torno da utilização do cordel, que é um patrimônio brasileiro, apesar de estar sendo pouco utilizado em sala de aula, como uma ferramenta pedagógica auxiliar de ensino. Nesse sentido, propomos um recurso educacional que atenda aos propósitos do professor quando este desejar dinamizar suas aulas, sobretudo, quando houver imprevistos que impeçam a utilização de recursos tecnológicos como TV, Datashow ou qualquer outro instrumento eletrônico que venha falhar durante a ministração de uma aula. Nesses momentos é necessário que haja metodologias eficazes para se trabalhar sem que, necessariamente, sejam dependentes de energias elétricas ou de tecnologias eletrônicas; pelo contrário, que seja algo comum, natural e histórico. Não se pretende, com isso, ser tradicional ou estar à procura de mostrar aversão às tecnologias. Somos adeptos das mudanças, mas também somos mantenedores de cultura, por isso estamos à procura de estratégias inovadoras para a sala de aula, que valorizem a cultura, sobretudo, do Nordeste. Tudo isso a fim de contribuir com a educação, melhorar a qualidade do ensino e trazer suporte metodológico aos professores. Neste caso, trabalhamos uma produção textual com o gênero

notícia, mas a proposta poderá ser extensivamente testada a “*posteriori*” em outros conteúdos da língua portuguesa, principalmente, em conteúdos mais complexos como o ensino de gramática.

Para embasar as teorias sobre os multiletramentos buscamos um aporte teórico na obra seminal desses estudos que é o Manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos do Grupo de Nova Londres (*New London Group*), publicado em 1996. Além disso, buscamos um apoio nas pesquisas de Roxane Rojo (2012), na perspectiva de multiletramentos aqui no Brasil, que apresenta como base os estudos, principalmente, de Cope e Kalantzis (2000), professores que fizeram parte do NLG. Sobre a historicidade do cordel e sua eficácia no processo de ensino, buscamos um aporte teórico nas pesquisas realizadas, principalmente, por Galvão (2000), Marinho e Pinheiro (2012) e Lima (2013).

Esta pesquisa subdivide-se em seis capítulos, os quais trazem detalhamentos sobre a parte teórica, o material pesquisado e sobre a parte prática realizada em sala de aula.

A sessão I, introdução, é uma exposição acerca da contextualização, justificativa, objetivos do trabalho, além de detalhar os capítulos subsequentes. Dessa forma, procura-se ter o cuidado de apresentar a pesquisa e contextualizar os estudos sobre multiletramentos, a literatura de cordel e apresentar um

caminho de leitura a ser percorrido nos próximos capítulos até a conclusão.

A sessão II discorre sobre os desafios da educação no Brasil, trazendo, inicialmente, um olhar para o crescimento tecnológico e para um novo discente que surge com esse novo cenário moderno. Discorreremos acerca das mudanças ocorridas nas sociedades nos últimos anos, indistintamente, e observaremos que essas mudanças não foram apenas em determinadas camadas sociais. Além disso, verificaremos que não há uma distinção entre a população do ensino público ou privado. Portanto, veremos o quanto isso tem impactado no processo de educação no país, sobretudo nos resultados pretendidos pela educação. Em seguida, direcionaremos o olhar para o novo discente que, conseqüentemente, surge nesse cenário. Para fazer uma analogia mais detalhada sobre essa discussão, observaremos os postulados de Leffa (2012), os quais tratam sobre uma docência com visão no passado, no presente e no futuro. Veremos que o docente que atua hoje, no século XXI, não pode ter as mesmas características de quem atuou na educação do século passado e nem tão pouco será o mesmo que atuará nas gerações vindouras, porque para cada novo tempo exige-se um novo perfil docente. Faremos uma exposição panorâmica sobre os estudos dos letramentos de acordo com as pesquisas de Beviláqua (2013), passando por conceitos que motivaram o encontro dos professores do Grupo de Nova Londres (NLG), em 1996, para a construção de uma Pedagogia dos Multiletramentos e, a partir disso, exporemos a visão de trabalho com os gêneros nos estudos de Soares (2009),

de Cope e Kalantzis (2000) e de Rojo (2012), para os dias atuais. Por fim, detalharemos o perfil do novo docente que esse cenário exige para trabalhar às novas gerações em sala de aula.

A sessão III trata sobre a literatura de cordel. Inicialmente, traremos um breve conceito, segundo as pesquisas de Marinho e Pinheiro (2013) e, na sequência, falaremos sobre a sua historicidade, os berços dessa literatura na Europa e quando, provavelmente, ela chegou ao Brasil. Mostraremos sua evolução no cotidiano dos nordestinos, sua participação no processo educacional dos rurícolas e o quanto os poetas se apropriaram desse bem cultural de forma que a tornaram patrimônio brasileiro registrado sob decreto nacional. Traremos uma exposição, embora superficial, acerca da estrutura física e poética do cordel, suas rimas, suas estrofes, os folhetos, os romances, além de um passeio sobre a história educacional construída a partir dessa literatura no século XX, seguindo as pesquisas de Galvão (2000). Em seguida, veremos a capacidade pedagógica do cordel, conforme Lima (2013), sendo uma ferramenta eficaz para o ensino multidisciplinar. Ao final deste capítulo, mostraremos a realidade dessa literatura na contemporaneidade. Por onde andam os cordelistas? Onde está a poesia cordelista? Quais as perspectivas para se trabalhar em sala de aula com uma fermenta que está pouco em uso na maioria das escolas? Após refletir sobre isso, apresentaremos a eficácia que podem ter os folhetos nos estudos e ensinos sobre multiletramentos e como isso poderá ser utilizado na prática, tendo como apoio a própria Constituição Federal de 1988, a LDB (Lei Federal n. 9.394) e os Parâmetros Curriculares

Nacionais – PCN (BRASIL, 1996) e a Pedagogia dos Multiletramentos proposta pelo NLG, utilizando, especificamente, os componentes do “Porquê” fazer, o “Quê” fazer e “Como”, utilizando o cordel como parte essencial na composição do Desenho Disponível.

A sessão IV apresenta a metodologia utilizada para a realização deste trabalho. Exporemos a natureza da pesquisa, bem como o ambiente da escola onde foi desenvolvido o estudo de caso, os participantes da pesquisa, os instrumentos de coletas de dados, os procedimentos de coletas e as etapas seguidas, desde a chegada à escola, passando pela recepção dos alunos, até as aplicações das duas oficinas realizadas em sala, seguindo para a parte prática. Essa parte prática ficou dividida em três etapas: Etapa de Aprendizagem (EA), em que houve uma exposição dos conhecimentos, tanto do conteúdo de português trabalhado na experiência que foi o “*gênero notícia*”, como de conhecimentos sobre o cordel e sua estrutura. Depois, houve a Etapa de Execução da Aprendizagem (EEA), em que os alunos fizeram resumos do que absorveram, socializaram a aprendizagem e recitaram cordéis. Por último, traremos a análise dos dados da etapa de Coleta de Produto de Pesquisa (CPP), em que foi possível obter dados precisos sobre os resultados dos procedimentos metodológicos.

A sessão V trata sobre a conclusão deste trabalho, obtida a partir das aulas práticas e da aplicação dos instrumentais pensados para este momento. Faremos uma análise crítica dos possíveis prós e contras

a partir do que foi possível observar nas oficinas práticas ofereceremos propostas de trabalhos com os multiletramentos em sala de aula a partir da literatura de cordel como ferramenta pedagógica de multiletramentos no processo de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO 1

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

Neste capítulo contextualizaremos a educação no século XXI, confrontando-a com um histórico recente e as perspectivas futuras que os estudos estão trazendo sobre as mudanças que ocorrerão em muito pouco tempo com relação às concepções de aprendizagem e ao papel do professor nesse processo. A velocidade com que a sociedade muda não se compara ao passo com que mudava em um passado não muito distante e nem tão pouco será comparada aos processos vindouros.

1.1 Um olhar para a discência em tempos modernos

Este capítulo retrata um panorama da realidade vivida pela sociedade contemporânea, relacionando sua peculiaridade concernente aos avanços tecnológicos em detrimento dos desafios educacionais dos professores relacionados à missão de lidar com essa sociedade estudantil em um momento de transição entre duas gerações bem diferentes. De um lado há uma geração, ainda, arraigada em um contexto mais tradicional que, embora já pertença ao tempo dos avanços tecnológicos, não pode ser comparada à dinâmica vivida por essa sociedade atual que se debruça sobre as tecnologias, não somente por querer ou gostar, mas por necessidades emergentes do sistema capitalista vigente e do mercado de trabalho cada vez mais digitalizado, prático e, sobretudo, competitivo.

Com esses avanços tecnológicos proporcionados pela globalização e com suas influências no processo de ensino, todo o sistema de educação tem exigido dos educadores, não somente métodos inovadores de ensino-aprendizagem, como também novas formas de pensar o fazer pedagógico e, sobretudo, de agir cognitivamente sobre o alunado desse tempo.

O aluno dessa “era digital” tem, facilmente, acesso aos mais diversos tipos de tecnologias que

proporcionam relações humanas entre as mais variadas faixas etárias e sobre assuntos alienados aos mais diversos interesses, tanto nos contextos urbanos como rurais, salvo em raras exceções. Dessa forma, interações tradicionais ou que não se atentem às estratégias de atração pré-discursivas por parte dos professores poderão ser insuficientes para se chegar ao objetivo da aprendizagem.

Sobre essa problemática, Sirley Diniz (2001) esclarece sobre como deve ser o uso das novas tecnologias em sala de aula. Em sua dissertação, concordando com estudos de outros estudiosos como Leffa (2012), por exemplo, a autora mostra que para alcançar o sucesso pretendido pelo professor em uma sala de aula no presente contexto tecnológico, faz-se necessária uma nova postura, que represente um processo interativo centrado no aluno como foco na mudança de todos os elementos básicos do processo: professor, aluno e conteúdo (DINIZ, 2001). Nesse esteio, a autora, também, defende que

[...] as questões reais são as novas formas de percepção e adoção de mudanças como a nova maneira de produzir conhecimento e uma boa vontade para abandonar suas antigas formas de autoridade, para formas mais democráticas de uma verdadeira aprendizagem. (DINIZ, p. 17).

Posto isso, vê-se a urgência em direcionar o olhar para essa realidade e procurar identificar o lugar docente em consonância com o discente em sala de aula, refletindo e pensando estratégias que supram com eficácia o processo de ensino-aprendizagem dos dias atuais, como veremos a seguir.

1.2. Um olhar para a docência em tempos modernos

Diante do cenário em que se encontra o sistema de educação básica público no Brasil, descrito acima, faz-se necessário um aprimoramento constante do professor por meio de formação continuada, em busca de acompanhar esses avanços tecnológicos. Primeiro, é necessário entender como esses avanços estão influenciando, diretamente, na aprendizagem desse novo alunado. Pode-se perceber que à proporção em que as tecnologias vão se aprimorando e novidades tecnológicas digitais vão sendo lançadas no mercado, os novos alunos têm reações de aprendizagens diferentes em sala de aula. Em outros tempos falavam-se de mudanças de uma geração para outra, todavia, nas últimas décadas, nota-se que essas mudanças acontecem de um ano para outro. A cada início de ano letivo, quando se recebe uma nova remessa de matrículas, percebe-se a diferença no modo com que os alunos concebem o conhecimento, as suas novas formas

de relações, a interação com o digital e, consequentemente, a relação aluno-professor. Tudo isso vai gerando um desafio novo a cada dia, assim como uma reflexão sobre muitas questões relacionadas ao assunto.

Discorrendo sobre a prática docente em uma visão de passado, presente e futuro, Leffa (2012) traz uma visão bastante enriquecedora, que pode ser um norte para se pensar as novas práticas pedagógicas em sala de aula. Para esse estudioso, não se pode pensar em uma prática docente em que o professor insira o conhecimento na cabeça do aluno como se fosse um artista de rua que produz uma maquete de um navio dentro de um tubo de vidro e o introduz pelo seu gargalo, levando-o pronto ao interior do recipiente. Geraldi¹ (1997), citado por Leffa (2012), tratando da situação de recepção do discurso a partir de uma visão bakhtiniana², coloca que não é possível determinar com toda a assertividade sobre um receptor uma mensagem, delimitando os valores pretendidos na produção, as devidas cargas ideológicas ou políticas que esse receptor vai ou não assimilar, porque cada ser é individual e, portanto, traz consigo também a sua bagagem sócio cognitiva e cultural, o que o coloca em

¹ Doutor (1990) e mestre (1978) em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas; graduado em Letras Português (1980) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí e em Ciências Jurídicas e Sociais (1970) pela Universidade Federal de Santa Maria. A referência trata-se da obra **“O texto na sala de aula”**. São Paulo: Ática, 1997, p. 39 -56.

² Ver nota de Rodapé (3) na página 14.

um contexto de recepção que poderá não ser o previsto pelo locutor docente.

Nessa perspectiva, Leffa (2012, p.10) defende que a aprendizagem não pode ser apenas planejada e executada. Esse processo, segundo ele, implica

[...] ações que, incidentalmente, podem levar à aprendizagem, que passa a ser vista não como objetivo da ação do professor, mas como um possível subproduto; não cabe ao professor planejar e ensinar, mas provocar o aluno em três instâncias: provocar discordando do aluno, provocar apresentando paradoxos e provocar lançando problemas.

As principais questões que são colocadas em evidência por Leffa (2012) como impacto na educação, neste caso, são a autonomia e a voz que deverão ser dadas ao aluno como protagonista de sua própria aprendizagem em um tempo em que há uma grande facilidade de acesso a informações, à disponibilidade de uma plateia global, sem restrições de fronteiras geográficas. Além disso, a emergência de fenômenos digitais e as redes sociais que cobrem o planeta, em oposição ao sistema de educação bancária, centrado no professor, já há muito deveria ter sido superado, conforme as críticas de Paulo Freire³ (FREIRE, 1983), na

³ Doutor em Ciência Política (1978) e Especialista em Filosofia,

Pedagogia do Oprimido, no entanto, nos parece, ainda, persistir na contemporaneidade.

Paulo Freire defendia a aprendizagem a partir de uma perspectiva dialógica. Olhando por esse ângulo, percebe-se o quanto faz sentido as colocações sobre dialogismos do círculo de Bakhtin, com ênfase na pedagogia dialógica de Matusov⁴. Nesse sentido, uma aprendizagem sempre acontecerá com êxito onde há um diálogo estabelecido por um contrato de fala entre um locutor e um interlocutor e, por isso, não pode ser prevista. Segundo Leffa (2012), a aprendizagem, nessa ótica, será sempre uma surpresa, uma vez que um diálogo poderá ter muitos rumos e tomar muitas cargas semânticas não previstas durante o seu percurso. Assim, há um lugar definido de produção e outro de recepção, sendo simultânea e mutuamente explorados pelos interlocutores. É impossível, portanto, neste caso, prever

Ciência Política e Pedagogia (1974) pela Ludwig Maximilians Universität München. Foi Graduado em Filosofia (1969) pela Universidade Federal de Minas Gerais e possuiu sete Pós-doutorados pelas Universidades École des hautes études en sciences sociales, EHESS, França e Centre de Coopération Internationale.

⁴ Professor da Escola de Educação da Universidade de Delaware EUA. Nasceu na União Soviética, estudou Psicologia do Desenvolvimento com pesquisadores soviéticos que trabalhavam no paradigma vygotskiano onde trabalhou como professor e depois imigrou para os Estados Unidos. Matusov usa abordagens socioculturais e dialógicas bakhtinianas da educação, vistas por ele como transformadoras da participação em uma prática sociocultural. Disponível em: <<<http://www.education.udel.edu/faculty-bio/eugene-matusov/>>> Acesso em 12 de jan. de 2020.

o ponto em que um diálogo possa terminar e qual a sua devida conclusão, a menos que seja uma manipulação artificiosa e, isso, para essa pedagogia de aprendizagem, chega a tornar-se uma espécie de imposição violenta do conhecimento.

Ao direcionarmos um olhar para o contexto histórico atual, não há dificuldades para enxergarmos a urgência em que as coisas acontecem e os impactos que isso causa na sociedade e, conseqüentemente, no processo de aprendizagem. Em séculos anteriores, esse problema não existia porque pouco eram notadas as mudanças entre uma geração e outra. O ensino que o pai passava para um filho e os métodos que ele utilizava eram reproduzidos do filho para o neto, para o bisneto e, assim, por diante. Leffa (2012) defende que a história desenvolvida pela sociedade contemporânea, em muito, se diferencia daquela dos séculos anteriores em que tudo ocorria de forma quase linear. Diante da globalização e do contexto modernos, existem, constantemente, muitos caminhos novos, novas ideias, novos olhares e novas concepções sobre a vida, o ser e o estar no mundo, por exemplo. É como se o presente fosse um labirinto no qual, para se chegar ao destino pretendido, precisássemos de um mapa porque o tal se põe imprevisível e sem pistas direcionais para onde devemos seguir.

As constantes modificações nos sistemas de comunicação, nos aparelhos de uso do cotidiano como celulares, tablets, aparelhos de jogos, tanto em relação ao hardware quanto ao software e suas aplicações nos

sistemas de setores e repartições da vida pública e privada, nas empresas, nos bancos, proporcionam um anseio por mudanças na atual conjuntura da sociedade e nos processos que a estruturam. Isso torna o amanhã uma incerteza obscura, enquanto o presente se torna um agente emergente de transformações.

Dentro desse contexto, Leffa (2012, p.12) chama a atenção quanto ao processo de aprendizagem com relação à visibilidade do professor. Nas palavras do autor, “o professor de outrora era aquele que falava de cima para baixo, do elevado do pódio aos seus passivos alunos na plateia”. Com o passar do tempo, esse professor desce do palanque e posiciona-se frente aos alunos mantendo-se no mesmo nível deles. Mais tarde, com as consequências das mudanças na sociedade, acaba misturando-se aos discentes para promover uma interação na aprendizagem e alcançar seus objetivos.

No século XXI, ainda segundo esse autor e mediante o contexto já mencionado, o professor teve que dividir suas ações pedagógicas com o meio digital, com o ensino a distância, com as plataformas, com os materiais autodidáticos e outros tutores digitais que educam, mesmo que indiretamente, e estão “roubando a cena” na vida dos discentes contemporâneos. O professor, em sua configuração primeira, era o centro das atenções no processo de ensino-aprendizagem; com o tempo foi ficando à margem, e hoje ou amanhã deve tomar a posição de invisível, camuflado, de forma que o aluno seja tenha contato, diretamente, com o conteúdo da aprendizagem e o professor esteja lá, mas como um

mediador invisível, que não atraia para si qualquer foco de atenção e venha, com isso, desconcentrar o aluno do seu foco na aprendizagem. (LEFFA, 2012).

É dentro dessa visão de ensino que se propõe provocar autonomia no aluno em tempos tão digitalizados e virtuais. Nesse modelo de ensino-aprendizagem o aluno deverá ter seus estímulos cognitivos despertados e traçar seu caminho de sucesso em seus estudos sendo mediado por um professor que está ali, não para propriamente ensiná-lo, mas para lhe mostrar o caminho da aprendizagem, para encaminha-lo ao seu destino, fazendo com que o aluno aprenda a aprender.

A cada dia, o processo de aprendizagem torna-se mais complexo devido as muitas mídias presentes no cotidiano do estudante. Uma criança hoje já aprende a falar interagindo linguisticamente nas telas dos aparelhos digitais, com os quais divide seu espaço local e real com um espaço transcendente virtual recheado de significados e mensagens que vão ressignificando o seu *locus*. São inúmeras possibilidades dispostas nas telas dos *tablets*, celulares, jogos individuais e coletivos síncronos e assíncronos, aplicativos que mediam suas necessidades e, isso, exigirá dessa criança habilidades multiletradas e, sobretudo, autonomia, para não se perder cognitivamente em meio a essas multissemsioses.

No próximo tópico, faremos um detalhamento de como funcionam os multiletramentos e exporemos os

estudos mais importantes sobre essa temática a partir do Manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos, defendido pelo NLG, e mostraremos a relevância que esses estudos tomaram aqui no Brasil, no século XXI, sob o olhar de diversos estudiosos, sobretudo, de Roxane Rojo.

1.3 Dos letramentos aos multiletramentos

O conceito de letramento vem sendo definido desde as décadas de 1970 e 1980, por vários estudiosos. Neste trabalho, utilizaremos a definição defendida modernamente por Soares (2009), na qual a autora propõe a observação do termo traduzido direto da língua inglesa “*literacy*”, segundo *Webster's Dicionary*, que traz a seguinte definição:

“literacy” é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (SOARES, 2009, p. 17)

Nesse sentido, vê-se que o letramento está para além de um processo de alfabetização ou de decodificação de palavras. Percebemos que esse conceito abrange um campo de leitura de mundo que independe de ser alfabetizado para que o leitor se insira nele.

Os estudos no campo do letramento surgem inicialmente, na América no Norte (Estados Unidos) e Europa (Reino Unido), segundo coloca Beviláqua (2013), quando se percebeu que precisavam focar mais o lado social do letramento que a própria relação com o processo material de aquisição da leitura e escrita. Beviláqua (2013) traz, em sua pesquisa, nomes relevantes dentro dessa temática como Lankshear e Knobel (2011), Gee (1996), Scribner e Cole (1981), em *“The Psychology of Literacy”* que abordaram estudos de Vygotsky e Luria sobre a cognição social. Também Scollon (1981), em *“Narrative, Literacy and Face in Interethnic Communication”*; Heath (1983), em *“Ways with Words: Language, Life and Work in Community and Classrooms”* e Street (1984), os quais se tornaram os maiores expoentes nos estudos dos letramentos do século XX.

Além dos estudiosos citados acima, presentes na pesquisa da autora, ela coloca, também, os pressupostos de Paulo Freire⁵ (como a **“Pedagogia do Oprimido”**, publicada nos anos 70), citado por Lankshear (1999) e Lankshear; Knobel (2011) como uma

⁵ Ver Nota de Rodapé (8) na página 24.

obra que teve grandes influências para uma compreensão de letramentos. Esses estudos enxergam para além do processo de alfabetização, na defesa e na construção de um ser humano crítico que mesmo sem ter um grau notável de vida acadêmica fosse capaz de se posicionar criticamente como um ser social e, principalmente, contra o tecnicismo⁶ e os conceitos políticos que circundavam sua época.

Nos anos 80, Mary Kato, no livro **“No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”**, propõe um novo sentido semântico para a palavra letramento levando-a a abarcar agências de ensino ligadas a leitura e a escrita que estivessem para além dos muros da

⁶ Tendência verificada nos anos 70, inspirada nas teorias behavioristas da aprendizagem e da abordagem sistêmica do ensino, que definiu uma prática pedagógica altamente controlada e dirigida pelo professor com atividades mecânicas inseridas numa proposta educacional rígida e passível de ser totalmente programada em detalhes. Segundo o educador José Mário Pires Azanha, o que é valorizado nesta perspectiva, não é o professor mas sim a tecnologia, e o professor passa a ser um mero especialista na aplicação de manuais e sua criatividade fica dentro dos limites possíveis e estreitos da técnica utilizada. “Esta orientação foi dada para as escolas pelos organismos oficiais durante os anos 60 e até hoje persiste em muitos cursos com a presença de manuais didáticos com caráter estritamente técnico e instrumental.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete tecnicismo educacional. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/tecnicismo-educacional/>>. Acesso em: 12 de jan. 2020.

escola ou de uma mera etapa de alfabetização escolar. Nessa perspectiva, ao chegar à escola, o aluno já traria certa bagagem de letramento adquirida a partir de suas vivências e, após a etapa de alfabetização, continuaria a adquirir letramentos pelo resto de sua vida. É nesse sentido que Magda Soares (2009) traz uma definição da palavra letramento em sua obra, **“Letramento: um tema em três gêneros”**, no qual a autora coloca que letramento

[...] é a palavra que criamos traduzindo "ao pé da letra" do inglês literacy. tetre-, do latim littera, e o sufixo -mento, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em fermento, resultado da ação de ferir). Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2009, p.9).

Vemos, então, segundo a colocação de Soares (2009), que para ser letrada, uma pessoa não carece, necessariamente, ser alfabetizada. Segundo a autora, quando se fala tradicionalmente de alguém alfabetizado, se refere à pessoa que aprendeu a ler e a escrever. Todavia, em se tratando de letramentos, estamos para além desse nível, ou seja, o termo mostra o estado ou condição de quem responde, adequadamente, às intensas demandas sociais pelo uso

amplo e diferenciado da leitura e da escrita e seus conhecimentos contextuais, culturais, sociais e políticos.

Para um melhor esclarecimento acerca do letramento, a autora traz exemplos de pesquisas feitas em países desenvolvidos como os EUA, nos anos 80, as quais mostraram, a partir das questões de pesquisa levantadas, que o que se buscava saber não era apenas se os jovens entre 21 e 25 anos sabiam ler. Assim, além de saberem ler, se observa se seriam capazes de compreender e usar textos em prosa, como editoriais, reportagens, poemas, além de saberem localizar e usar informações extraídas de mapas, tabelas, quadros de horários e fazerem uso de diferentes tipos de material escrito, compreendê-los, interpretá-los e extrair deles as informações necessárias (SOARES, 2009, p.23).

Em suma, uma pessoa analfabeta (no conceito de não ter aprendido a ler e escrever) poderá ser uma pessoa letrada socialmente e capaz de pegar um ônibus sem confundir o seu destino, de reconhecer símbolos, saber se dirigir às autoridades, produzir textos relevantes, mesmo que orais, saber entrar e sair de determinados ambientes utilizando certa adequação linguística a determinados contextos de fala. Tudo isso é feito de forma natural, partindo de uma premissa de que a pessoa está inserida em uma sociedade e como ser social tem o seu lugar e está situada em práticas que lhe dão experiências ou letramentos suficientes para gerir sua estada no seio dessa sociedade. Há casos em que analfabetos alcançaram grandes êxitos na vida profissional, tornando-se grandes empresários,

representantes políticos e pessoas de notáveis saberes e importância cultural, por exemplo, como é o caso do mestre Patativa do Assaré⁷, que se tornou tão notável na literatura popular sem que ao menos soubesse escrever o próprio nome, segundo Marinho e Pinheiro (2013).

Com os avanços tecnológicos e os efeitos da globalização, viu-se que uma pedagogia apenas de letramentos estava sendo insuficiente para os desdobramentos multimodais de uma sociedade em ascensão capitalista global, diante das necessidades de adaptações à nova configuração que se assumia, principalmente nas sociedades de países desenvolvidos. Tendo em vista a grande imigração ocorrida após um longo período de Guerra Fria⁸ no Reino Unido, principalmente nos contextos dos países de onde vieram

⁷ Patativa do Assaré (1909-2002) foi um poeta e repentista brasileiro, um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX. Com uma linguagem simples, porém poética, retratava a vida sofrida e árida do povo do sertão. Projetou-se nacionalmente com o poema "Triste Partida" em 1964, musicado e gravado por Luiz Gonzaga. Seus livros, traduzidos em vários idiomas, foram tema de estudos na Sorbonne, na cadeira de Literatura Popular Universal. Disponível em <<https://www.ebiografia.com/patativa_assare/>> Acesso em 12 de jan. de 2020.

⁸ A Guerra Fria foi uma disputa pela superioridade mundial entre Estados Unidos e União Soviética após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). É chamada de Guerra Fria por ser uma intensa guerra econômica, diplomática e ideológica travada pela conquista de zonas de influência. "Resumo - Guerra Fria" em *Só História*. Virtuosa Tecnologia da Informação, 2009. Disponível em <<<http://www.sohistoria.com.br/resumos/guerrafria.php>>> Acesso em 12 de jan. de 2020.

os professores do NLG, as escolas começaram a receber em seu seio uma mistura de alunos nativos e imigrantes de raças diferentes que confrontavam culturas, costumes e visão de mundo bem diferenciadas, segundo Cope e Kalantzis (2000). Além disso, o movimento fordista⁹, no século XX, propunha uma nova frente industrial movida por máquinas e por tecnologias que forçavam uma inserção de conhecimentos multimodais, de alguma maneira. Esse novo mercado de trabalho tornou-se um cenário requerente de ações físicas e intelectuais para essas novas facetas digitalizadas que comprimiam o trabalho humano em grandes produções maquinárias, além dos grandes avanços tecnológicos que emergiam no seio das grandes redes de comunicação globais e se tornavam crescentes nos sistemas de internet tornando o mundo tão interconectado.

É nesse esteio que, em 1996, o NLG, grupo formado por dez professores de países diferentes, a saber: *Courtney Cazden, Bill Cope, Norman Fairclough, James Gee, Mary Kalantzis, Gunther Kress, Allan Luke,*

⁹ O fordismo é um sistema de produção industrial baseado na fabricação em larga escala, na especialização do trabalho e na linha de montagem. Sua denominação mais adequada é taylorismo-fordismo, já que foi criado em 1913 pelo industrial norte-americano Henry Ford (1863-1947) com base nas ideias do engenheiro norte-americano Frederick W. Taylor (1856-1915). O modelo foi inicialmente utilizado na indústria automobilística e trouxe redução de tempo e de custo em relação ao sistema anterior, que era quase artesanal. SANTOMAURO, Beatriz; FERREIRA, Caroline. NOVA ESCOLA, 01 de outubro, 2012.

Carmen Luke, Sarah Michaels e Martin Nakata. Esses professores são pesquisadores provenientes dos Estados Unidos, Reino Unido e Grã-Bretanha -, que se reuniram no Centro de Comunicação e Cultura da Universidade de Queensland, na Austrália, onde refletiram, discutiram e publicaram, na *Harvard Educational Review*, o artigo *A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures*, que em língua portuguesa se traduz como “A pedagogia dos multiletramentos: desenhando futuros sociais” (CAZDEN, COPE *et al*, 1996).

Sabendo dos impactos que tudo isso causaria na vida pública e privada de uma sociedade, esses professores trataram, no referido manifesto, dos novos gêneros multimidiáticos emergentes denominando, com isso, as habilidades desse novo aluno frente a essas novas multissemeioses. Cope e Kalantzis (2000) redefinem e aprimoram os pilares dessa pedagogia e lançam uma coletânea chamada, *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures* (Multiletramentos: pedagogia do letramento e o desenho de futuros sociais) no ano 2000, o que serve de inspiração, inclusive, para revolucionar a educação de países em desenvolvimento como, por exemplo, o Brasil.

A palavra multiletramentos é inaugurada pelo NLG como uma expressão que seja suficiente para descrever a multiculturalidade e a multiplicidade de linguagens presentes nos *design*, exercendo influência direta na pragmática. Segundo Rojo (2012, p. 2), a

definição de multiletramentos proposta pelo grupo deve desempenhar,

[...] dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

No Brasil, Roxane Rojo, doutora em linguística aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), assim como Ângela B. Kleiman, professora titular aposentada da Unicamp, doutora em Linguística pela University of Illinois, EUA, são duas das grandes referências nos estudos sobre os multiletramentos inspiradas nas pesquisas do NLG que revolucionaram os estudos nessa área na USA. Para Rojo (2012), os multiletramentos podem ser identificados pelos termos “novos tempos que pedem novos letramentos”. Além de Rojo, têm-se representantes espalhados pelos programas de Linguística Aplicada de, pelo menos, sete universidades em todo o país, inclusive, no Departamento de Linguística Aplicada – PosLA - da Universidade Estadual do Ceará, com grandes estudiosos que despontam com muita ênfase sobre o assunto.

1.4 Os multiletramentos e a exigência de um novo perfil docente

É em meio a esse desenvolvimento tecnológico em que se vive, o qual possibilita uma hibridização de linguagens e culturas e culmina em um grande processo de resignificação do *locus*, práticas transformadas, que olhamos para o professor desse tempo e refletimos sobre seu fazer pedagógico. Urge-se, então, a necessidade de recriação e readaptação de suas práticas a ponto de ofertar-lhe melhor domínio sobre os discursos multimodais e, com isso, redirecionar os seus discentes e engajá-los nas práticas de multiletramentos. Segundo Oliveira e Szundy (2014), essas práticas vivenciadas pelos alunos estão imbricadas em uma correlação entre as práticas de letramentos escolares e àquelas da vida em processos de semiotização de atos éticos.

Partindo da visão dessas autoras em seu artigo, “Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade”, e do contexto apresentado acima, parece-nos pertinente pensar em um novo fazer pedagógico que abandone as velhas práticas centradas no professor e na ditadura de um livro didático, e parta-se para práticas que desdobrem comportamentos éticos de significados situados construídos, cada vez mais, através de múltiplas linguagens. (OLIVEIRA; SZUNDY, 2014).

Já que se entende o processo de multiletramentos como a possibilidade de unir múltiplos conhecimentos de forma simultânea e crítica, a partir de agora, tendo em vista o Manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos do NLG (1996), que dialoga com os conceitos filosóficos e plurilíngues da linguagem propostos pelo “Círculo de Bakhtin¹⁰” e procura dar conta de compreender as multissemiões refratadas nas práticas de letramentos contemporâneos, proporemos metodologias que deem suporte ao professor em sala de aula em seu fazer pedagógico, de forma que possa-se utilizar meios mais comuns e já conhecidos pela comunidade escolar, principalmente na região Nordeste, onde foi desenvolvida a presente pesquisa. Isso permitiu que os alunos fossem elevados a um nível de interação e possibilidades de lidar com os multiletramentos sem que, necessariamente, estejam conectados a um sistema de mídias digitais. Nesse sentido, e diferentemente do que se viu sobre letramento anteriormente, utilizaremos o cordel como uma ferramenta motivadora e que tem capacidade de abranger essa multiplicidade cultural e semiótica em seus versos. Além disso, como coloca Stélio Lima (2013), pode ser utilizado como um instrumento educativo auxiliar que se privilegia da coloquialidade para ensinar o culto, (da informalidade para ensinar a formalidade), da oralidade para ensinar a escrita, de forma que desperte, efetivamente, a ação cognitiva do aluno.

¹⁰ Trata-se de um grupo multidisciplinar de intelectuais russos que se reuniam regularmente entre 1919 e 1929 para discutirem a filosofia das relações ideológicas junto ao filósofo Mikhail Bakhtin.

No próximo capítulo, veremos que na literatura de cordel, ao mesmo tempo em que pode servir para se traçar metas para os estudos com a linguagem e metalinguagem¹¹, trabalhar as “instruções explícitas”, segundo o passo a passo do componente “como” da pedagogia do NLG, que são características deste gênero, dentro da própria poesia cordelista pode-se pensar em uma forma interdisciplinar de ensino-aprendizagem. Essa prática propõe, de forma simultânea e lúdica, não somente o ensino de gramática, mas também a literatura, a história, a matemática, a arte, a filosofia, a sociologia, a ética, questões ambientais, saúde etc (LIMA, 2013).

Todo esse campo de conhecimento interdisciplinar e simultâneo deve levar-nos à compreensão de que esse gênero - o qual no início do século XX fora tão útil ao processo de letramentos e alfabetização –, hoje, no século XXI, seja, também um instrumento de apoio a aprendizagem com os multiletramentos em sala de aula ou fora dela. Após uma vivência com o gênero cordel, deve-se notar no aluno um maior repertório vocabular, bem como um maior conhecimento sobre literatura, rimas, métricas, história, cultura e artes, por exemplo.

¹¹1. Língua especializada que se utiliza para descrever uma língua natural.

2. Linguagem de descrição de uma outra língua formal ou informática. **"metalinguagem"**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/metalinguagem> [consultado em 12-01-2020].

CAPÍTULO 2

O CORDEL E SUA NATUREZA MULTIMODAL

A literatura de cordel é uma fonte de riqueza para o processo educativo, uma vez que, como gênero narrativo, permite versar sobre qualquer temática de forma pluridimensional. Mais adiante haverá relatos sobre os poetas dos anos 30 a 50 d século passado, os quais levaram seus cordéis, tanto às comunidades dos grandes centros urbanos quanto às dos grandes sertões mais distantes, proporcionando letramentos multidisciplinares aos ouvintes por meio das pelejas que mostravam. Trata-se de duelos filosóficos entre duas pessoas, folhetos de circunstâncias que levavam notícias, assim como os jornais, os marcos que conduziam os leitores ao mundo transcendental, as ilustrações, o mundo dos bichos, as espertezas e as malandragens na sociedade, as histórias fantásticas, o humor, as histórias reais e lendárias, as adaptações de obras e as recriações literárias. São muitas as formas de conhecimento que se obtêm a partir desses folhetos.

Além da aprendizagem, quando em contato com eles, há também uma relação com a poesia, com a estrutura poética, com as linguagens, dentre outros fatores.

2.1 O que é, de fato, o cordel?

O cordel é um gênero literário em poesia, de cunho narrativo, que tem suas origens nas tradições orais e, por isso, abarca a variedade linguística regional de um povo, bem como sua cultura, suas crenças, seus costumes, dentre outros aspectos. Segundo informações da plataforma IPHAN, essa literatura foi reconhecida pelo Conselho Consultivo Nacional no Brasil, em 19 de setembro de 2018, como Patrimônio Cultural Brasileiro.

Desde o final do século XIX, o cordel acompanha os artistas poetas, principalmente do Nordeste, servindo-lhes de veículo para a exposição de grandes batalhas, pelejas, histórias de amor, de sofrimentos. Segundo Marinho e Pinheiro (2013), também, serviu para o processo de letramento de muitos sertanejos, bem como para denúncias de grandes crimes políticos e sociais, além de uma ferramenta de diversão para as rodas de conversas entre amigos aos finais de tardes e para entreter as noites dos finais de semanas nos terreiros dos sertanejos.

Os poetas da área caracterizam o cordel como uma poesia que deve apresentar pelo menos três elementos em sua essência, os quais são: métrica, rima e oração. Sendo assim, qualquer pessoa que desejar produzir uma poesia em cordel, precisa saber inserir esses três elementos em sua poética.

2.1.1 A literatura de cordel e suas origens

Esse bem cultural tem suas origens nas literaturas da oralidade de forma rimada e musicalizada, conhecido milenarmente no mundo, desde civilizações mais antigas. Durante a Idade Média, essas literaturas volantes tomam o caminho da Europa e alcançam um lugar ao sol, principalmente na região peninsular, de onde se projeta para muitas outras regiões, inclusive, para o Brasil, por intermédio dos colonizadores.

Segundo o pesquisador Manuel Diégues Júnior¹ (1986), citado por Galvão (2000), esses folhetos

¹ Antropólogo, sociólogo, jurista e folclorista brasileiro, reconhecido internacionalmente, **Manuel Baltazar Pereira Diégues Júnior** nasceu em Maceió/AL no dia 21 de setembro de 1912. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, no ano de 1935. Disponível em <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoess/mapeamento->

foram encontrados na mesma modalidade que se apresentavam em Portugal, em outros países como, por exemplo, na Espanha. Meyer² (1980), também citado por Galvão (2000), traz relato sobre essa mesma modalidade de folhetos encontrados na França, onde são conhecidos por literatura de *colportage*³ (mascate). Na Inglaterra, é denominado de *chapbook* ou balada; na Espanha, *pliego suelto*⁴, como dito acima, e em Portugal, literatura de cordel ou folhas volantes.

Em Portugal, esses folhetos tornaram-se fonte de renda para muitos poetas. Vendê-los porta a porta era algo costumeiro entre esses artistas, mas com o passar do tempo, passaram a frequentar as feiras livres e realizarem grandes exposições, principalmente em pequenas cidades dos interiores, com os mais variados temas em seus folhetos. Segundo Marcia Abreu⁵ (1999,

cultural/alagoanos-ilustres/manuel-diegues-junior Acesso em 12 de jan. de 2020.

² Possui graduação pela Universidade de São Paulo(1946), especialização pela Universidade de São Paulo(1956), doutorado pela Universidade de São Paulo(1961) e pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas(1975). Atualmente é PROFESSOR TITULAR da Universidade Estadual de Campinas, ASSESSORIA do Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e MEMBRO DO COMITÊ ASSESSOR (JULGADOR).

³ Literaturas de folhetos ou livros distribuídos por pessoas chamadas "colportores". Na França, o colporteur tinha originalmente o sentido de mascate, ou seja, vendedor que transportava suas mercadorias.

⁴ Na Espanha, é o nome utilizado para referir-se a barbantes e folhas soltas. O mesmo que chamamos de literatura popular.

⁵ É graduada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas

p.21), *apud* Marinho e Pinheiro (2013), os cordéis versavam sobre autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias etc.

Para que houvesse uma exposição mais atraente de suas obras, os poetas portugueses começaram a organizar varais em algum ponto das feiras, nas romarias ou nos mercados e praças, onde expunham seus folhetos estendidos, como se fossem roupas para secar ao sol. Com isso, tinham a possibilidade de chamar a atenção do público e de decorarem o espaço cultural no ambiente. Foi a partir dessa exposição em cordas, que Câmara Cascudo⁶ *apud* Galvão (2000) afirma ter originado o vocábulo cordel, denominação dada a esses folhetos expostos em cordas.

No Brasil, segundo esse pesquisador, os folhetos também adquiriram esse nome, “*Literatura de*

(1984) e doutorada em direito em Teoria e História Literária pela mesma Universidade (1993). Fez pós-doutorado em História Cultural na Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (1996-1997) e livre-docência em Literatura Brasileira pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (2002). Atualmente é professora do Departamento de Teoria Literária do IEL - UNICAMP. FONTE: © Copyright 2020. Todos os direitos reservados.

⁶ Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) nasceu em Natal, Rio Grande do Norte e foi um folclorista, historiador, professor e jornalista, um dos mais importantes pesquisadores das manifestações culturais brasileiras. Disponível em<< https://www.ebiografia.com/luis_da_camara_cascudo/>> Acesso em 12 de jan. de 2020.

cordel”, por volta da década de 1960. Estudiosos da época notaram forte relação de como se estabelecia essa literatura de folhetos, em contraponto com as literaturas de cordas portuguesas da Idade Média, até o século XIX Galvão (2000). Como se pode verificar, a partir das pesquisas de Cascudo, os folhetos levam o nome de cordel há um tempo bem recente em território brasileiro.

Para consolidar essa sessão histórica sobre as origens da literatura de cordel, há, na sequência, um trecho do folheto, “*Origem da Literatura de Cordel e sua Expressão de Cultura nas Letras de Nosso País,*” do poeta Rodolfo Coelho Cavalcante⁷, no qual expõe:

[...]

⁷ Rodolfo Coelho Cavalcanti foi um artista nascido em Rio Largo (AL) em 1919. Filho de Arthur de Holanda Cavalcante e Maria Coelho Cavalcante, foi criado pelos avós maternos até os 8 anos, quando retorna à casa dos pais. As constantes mudanças entre Maceió e Rio Largo o obrigaram a trabalhar para ajudar no sustento familiar. Adolescente, percorre parte do Norte e Nordeste, atuando como camelô, palhaço de circo, dentre outras atividades. Desde essa fase, já se faz notar como bom versejador, participando de pastoris, cheganças e reisados. Disponível em <<[---

52](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/RodolfoCoelho/rodolfoCoelho_biografia.html#>>”.>></p></div><div data-bbox=)

Na França, também Espanha
Era nas bancas vendida,
Que fosse em prosa ou verso
Por ser a mais preferida
Com o seu preço popular
Poderia se encontrar
Nas esquinas da avenida [...].

2.1.2 A literatura de cordel em terras brasileiras

Ao chegar ao Brasil, a literatura de cordel encanta a população brasileira, principalmente na região Nordeste, pela sua envolvimento e ligação com a oralidade, podendo representar os costumes populares. Se em Portugal essa literatura era consumida, principalmente, por pessoas letradas, professores, advogados, militares, padres, médicos, funcionários públicos, entre outros, conforme mostram Marinho e Pinheiro (2013), no Brasil, alcança alargado sucesso e consumo pela população em massa.

Segundo estudiosos, não há um consenso que delimite datas sobre a chegada dos folhetos ao Brasil. Apesar disso, sabe-se que o expoente de maior peso na literatura de cordel em território brasileiro, em seu início, inclusive é um artista muito estudado até hoje

pelos pesquisadores dessa área, é o poeta Leandro Gomes de Barros (1865 – 1918). O cordelista é natural de Pombal, na Paraíba, estado que se tornou um dos principais representantes dos livretos de cordel até os dias de hoje.

Leandro foi um dos desbravadores que adquiriu um nome expressivo nessa literatura no Brasil, começando a escrever seus folhetos, segundo Galvão (2000), no ano 1889, lançando sua primeira obra, no ano 1893, já após a segunda metade do século XIX. Seus folhetos ainda eram impressos nas mesmas gráficas dos jornais, adquirindo, inclusive, aparência de jornal, devido à textura do papel que era, e ainda continua a ser até hoje, sendo utilizado para as impressões desse suporte.

Leandro, além de poeta, tornou-se um grande empreendedor, depois do seu contato com os folhetos. Um de seus grandes feitos exitosos foi a abertura de uma tipografia onde passou a realizar as impressões do seu material de forma independente e a comercializar seus cordéis com mais liberdade. O poeta alcançou grande sucesso com suas vendas e foi sucedido por artistas que, também, foram beneficiados pela visão ampla de Leandro. João Martins de Athayde é o poeta que toma maior notabilidade após a morte de Leandro de Barros. Segundo Galvão (2000), em 1921, Athayde comprou não somente a tipografia em negociação com a esposa (viúva) de Leandro, mas também adquiriu os direitos autorais de cerca de 1000 títulos que dispunha o autor em seu acervo.

Há um folheto do poeta Antônio Américo de Medeiros⁸ intitulado, “*Os mestres da literatura de cordel*”, que traz um histórico em versos das transações artísticas e comerciais entre Leandro Gomes de Barros e Joao Martins de Athayde.

Vejamos:

[...]

Leandro que não cantava
Diariamente escrevia
Publicando os seus folhetos
Foi escrevendo dia a dia.
Criou o revendedor
Que de feira em feira vendia.

Aqueles revendedores
Vendendo de feira em feira,

⁸ Antônio Américo de Medeiros foi cantador, cordelista, editor, folhetista, vendedor e precursor de programa radiofônico. Nasceu no município de São João do Sabugi, Rio Grande do Norte, no dia 7 de fevereiro de 1930, vindo a falecer aos 84 anos, 21 de janeiro de 2014, na cidade de Patos, Paraíba.

ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS. In: **Editora Luzeiro:** biografias de poetas. Disponível em: <<http://editoraluzeiro.com.br/content/1-biografias-de-poetas>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

Os folhetos de Leandro
Cobriram toda ribeira,
Do litoral ao sertão,
Foi de fronteira a fronteira.

E com dois anos já tinha
A sua tipografia
Fazendo por conta própria
Folhetos como queria.
Deu emprego a muita gente
Vendendo na freguesia.

[...]

Athayde bom poeta
Cordelista e editor
Da produção de Leandro
Ele foi o comprador.
Pagou seiscentos mil réis,
Na época, um alto valor.

João Martins de Athayde
Comprou a tipografia
Com todos originais
Que a viúva possuía.
E organizou a gráfica
Da forma que pretendia.

Athayde alcançou muito sucesso com a comercialização dos seus folhetos e influenciou muitos poetas a produzirem e a publicarem suas obras. A primeira metade do século XX foi bem suprida de artistas que disseminaram, de norte a sul do Brasil, a literatura de cordel.

Essa literatura toma força no Ceará, principalmente depois do ano de 1949, quando após a fragilidade da saúde de Athayde, sua obra é vendida ao poeta José Bernardo da Silva⁹, da cidade de Juazeiro no Norte, conforme mostra Galvão (2000). Este último dissemina de forma livre e independente suas publicações e as de seus parceiros pelos sertões até a capital cearense.

⁹ Foi considerado um dos mais expressivos editores de literatura de cordel durante as décadas de 40, 50 e 60. Mesmo com o seu falecimento em 1971, a Lira Nordestina (nome que ganhou a sua casa editorial – a Tipografia São Francisco – por sugestão do poeta Patativa do Assaré) continuou esse trabalho até meados da década de 80. PINTO, Rosário. **José Bernardo da Silva**. [S.l.: s.n., 20?]. Disponível em: <<http://cordeldesai.blogspot.com.br/2011/05/cordel-de-saia-homenageia-jose-bernardo.html>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

2.1.3 A estrutura formal e física da poesia em cordel e suas temáticas

Quanto à estrutura física, com o sucesso alcançado pela tipografia de Athayde, segundo Marinho e Pinheiro (2013), na década de 1920, os livretos foram organizados em folhetos e romances, didaticamente, a fim de que seus leitores pudessem alcançar um melhor êxito na sua leitura. Sendo assim, decidiu-se que os cordéis que possuísem de 8 a 16 páginas, no caso das pelejas e poemas de circunstâncias, seriam reconhecidos como folhetos de cordel, enquanto os que possuísem de 24 a 56 páginas ou mais, seriam os romances em cordel.

As capas dos folhetos, a princípio, eram cegas - não possuíam uma arte gráfica -, mas com o surgimento das tecnologias que sucederam os avanços de Leandro e Athayde, começaram a ganhar ilustrações em xilogravuras.

As xilogravuras eram impressões a partir de gravuras talhadas em madeira (imburana, cedro ou pinho), que permitiam aos poetas terem uma forma de representar o conteúdo interno dos seus folhetos a partir das imagens que esculpiam na madeira e imprimiam nas capas. Essa tecnologia na literatura de cordel aparece

com maior força, segundo Luyten¹⁰ (1983) *apud* Marinho e Pinheiro (2013), na década de 1940, e deve-se à pobreza dos poetas e editores em encontrar outros recursos gráficos para as ilustrações das capas dos folhetos.

Quanto à estrutura poética, o cordel possui formas fixas e variadas. Assim como o soneto possui uma estrutura que vem desde o Classicismo¹¹ mantendo-se dois quartetos e dois tercetos com versos decassílabos, ou seja, duas estrofes de quatro versos

¹⁰ Nascido na Holanda emigrou ao Brasil em 1952 com idade de 11 anos. Desde pequeno sofria de miopia o que o obrigava a usar óculos corretivos e naquele tempo o prognóstico era "cegueira dentro de alguns anos". A "cegueira anunciada", fez com que se tornasse um leitor voraz e compulsivo, como se quisesse absorver, conhecer, viajar o máximo possível antes da desgraça chegar. Graças a Deus a miopia estabilizou e a cegueira não se instalou, mas o hábito da leitura e viagens já se tinham tornado hábitos que o acompanharam até a morte em 27 de julho de 2006 aos 64 anos. O dinheiro para estudar, comprar livros e viagens era muito escasso, e para "driblar" a situação tornou-se um excelente bolsista, frequentador de bibliotecas e um exímio caronista. As viagens pelo Brasil se tornaram cada vez mais distantes e sem dúvida tudo isto influenciou a sua vocação para a literatura de cordel. Disponível em <http://www.saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/399/Prof.+Jo+seph+Luyten+1941+-+2006> Acesso em 12 de jan. de 2020.

¹¹ O **Classicismo** foi um movimento cultural que fez parte do Renascimento europeu, durante os séculos XV e XVI. Como o próprio nome aponta, a proposta do Classicismo era um **retorno às formas e temas da Antiguidade Clássica**, ou seja, Grécia e Roma antigas. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/classicismo.htm> Acesso em 12 de jan. de 2020.

com 10 sílabas poéticas¹² e mais duas com três versos de 10 sílabas poéticas, as estrofes dos cordéis podem se apresentar, de forma preferencial e mais utilizada, em sextilhas heptassílabas¹³.

Muito embora o gosto pela quantidade de versos ou pela combinação de sons de uma estrofe na literatura de cordel possa ser variado, esse gênero literário mantém estrutura fixa quanto a quantidade de sílabas poéticas em seus versos. Ou seja, independente de se um cordel possui estrofes em quadras, sextilhas¹⁴, redondilhas maiores ou décimas, todos os seus versos mantêm sete sílabas poéticas.

¹² Denominam-se sílabas poéticas cada uma das sílabas que constituem os versos de um poema. Em sua “Nova Gramática da Língua Portuguesa”, o gramático Domingos Paschoal Cegalla esclarece que as sílabas dos versos nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais. Dentro da poética tradicional em língua portuguesa, os poetas têm usado doze espécies de versos: de uma até doze sílabas. A contagem das sílabas poéticas é um processo que auxilia na criação do ritmo e melodia desejados pelo poeta e faz-se auditivamente. Disponível em <https://www.estudopratico.com.br/o-que-sao-silabas-poeticas-ou-metricas/> Acesso em 12 de jan. De 2020.

¹³ É a limitação de 7 sílabas poéticas para um verso ou para um vocábulo.

¹⁴ A Sextilha é uma estrofe com rimas deslocadas, constituída de seis linhas, ou seis versos de sete sílabas, nomes que têm a mesma significação. Na Sextilha, rimam as linhas pares entre si, conservando as demais em versos brancos (sem rima obrigatória).

As sextilhas, que são as estruturas mais utilizadas entre os cordelistas, principalmente nos romances, trazem uma combinação de sons ABCBDB que formam as suas rimas mantendo a poética e a musicalidade, facilitando a inserção de uma retórica mais rica em vocabulários. Essa estrutura exige rimas (combinações de sons) apenas nos 2º, 4º e 6º versos, enquanto os 1º, 3º e 5º versos são livres. Tanto esses recursos como também o uso de motes¹⁵ permitem a agilidade do poeta, principalmente em improvisos, quando se declamam grandes pelejas¹⁶, assemelhando-se ao repente ou a embolada.

No que se refere às combinações de sons, segundo Márcia Abreu¹⁷ (1994) *apud* Galvão (2000), os versos dos cordéis podem variar de acordo com a escolha do poeta em sua estrutura física. A estrutura das sextilhas já foi delineada no parágrafo anterior; as sextilhas recebem a norma de rima (ABCBDDDB) e as décimas são organizadas em (ABBAACCCDDC).

Quanto às temáticas, por ser um tipo de poesia de cunho narrativo, ou seja, nasceu da contação de histórias desde o período oral na idade média, o

¹⁵ É uma estrofe que serve de refrão em uma composição poética. Tem a função enfatizar algo para marcar a temática da poesia.

¹⁶ É um gênero poético popular dialogado em que dois poetas enfrentam uma disputa. Nesse duelo, os cantadores ou recitadores vão construindo estrofes alternadas para defenderem suas certezas e crenças.

¹⁷ Ver Nota de Rodapé (21) da página 34.

cordel traz os mais variados temas em seus versos. Dentre eles destacam-se, segundo Marinho e Pinheiro (2013) e Galvão (2000), as histórias de amor, adaptações de romances e peças teatrais, pelejas, folhetos de circunstâncias¹⁸, histórias de vida e morte de pessoas notáveis para a sociedade, denúncias sociais, crimes políticos, histórias fantásticas, descrição de fenômenos naturais (secas/enchentes), ligação mitológica, religiosidades e misticismo (Pe. Cicero/Frei Damião/Diabo/Lampião), dentre outros.

Os folhetos eram lidos em voz alta nos ajuntamentos de pessoas. Vale ressaltar que eles mantêm como uma de suas características, uma forte interação entre obra e leitor, visto que o narrador da poesia em cordel procura dialogar com o seu público como se estivesse em uma conversa. Ao lembrar que o cordel tem origens na oralidade, não se pode esquecer os aspectos narrativos mais comuns dos encontros entre as pessoas, que são as interações humanas por meio da fala. A ligação entre fala e a resposta que há entre locutores e interlocutores - elementos essenciais à comunicação – podem ser observadas facilmente se utilizarmos lupas teóricas como a do estudioso russo, Roman Jakobson¹⁹, denominada de teoria da

¹⁸ Narram determinados fatos ou acontecimentos, assemelhando-se a notícias de jornais.

¹⁹ Roman Jakobson, em russo nasceu em 11 de outubro de 1896, em Moscou, de origem judaica, e desde jovem foi interessado por poesia. Foi um linguista, fonólogo e técnico literário russo. Iniciou os estudos mais profundos no Instituto Lazarev de Línguas Orientais, ainda na Faculdade de Filosofia e História da Universidade de Moscou, e na juventude conhece o auge dos

comunicação. Dentre tantas temáticas que permitem ser expostas nos versos dos cordéis, há destaques aos versos que tratam sobre a exposição de conhecimentos acadêmicos, filosofias de vida, educação alimentar, explicam conteúdos importantes a saúde, a educação e a vida em sociedade.

Trata-se, portanto, de um gênero que teve princípio na oralidade e que mantém marcas linguísticas que conservam os falares e as expressões da oralidade de um povo. O cordel se estabelece na contação de histórias reais ou lendárias. É heterogêneo e muito eficaz à exposição de costumes, de tradição, de folclores, na transmissão de culturas, e promove estratégica interação entre locutor e interlocutor, o que pode ser de grande utilidade para inserir o aluno no processo de leitura e, com isso, facilitar a sua aprendizagem.

simbolistas russos da poesia futurista. Teve uma trajetória muito exitosa e faleceu em 18 de julho de 1982, em Boston, EUA. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/biografias/6207340> Acesso em 12 de jan. de 2020.

2.2 As contribuições da literatura de cordel para a educação no Brasil, no início do século XX

Os estudos mostram que a literatura de cordel foi um instrumento muito eficaz para o processo educativo dos sertanejos ao longo do século XX no Brasil. De acordo com os estudos como Galvão (2000), o cordel parece ir tomando uma nova configuração a cada decênio, quando analisadas as seis primeiras décadas. A autora realizou uma pesquisa documental abarcando 104 obras dos mais diversos autores dentro desse recorte, bem como realizou entrevistas com diversas pessoas que viveram nesse período, para a defesa de sua tese de doutoramento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Embora traga ênfase sobre o título “Ler e ouvir literatura de cordel entre os anos 30 e 50, no estado de Pernambuco”, a pesquisa de Ana Maria Galvão mostra as facetas da literatura de cordel de forma abrangente no país. A autora coloca que, a princípio, dos anos 1900 até 1919, em média, o público que consumia essa literatura era, notadamente, composto de pessoas letradas, as quais detinham boas condições financeiras a ponto de demonstrarem potencial para consumirem outros produtos oferecidos pelas editoras. Essa informação pôde ser percebida a partir das propagandas de sapatarias, objetos em ouro e outros produtos que eram divulgados nos interiores dos folhetos. Percebe-se, também, quando observado o tamanho do folheto, a

quantidade de estrofes, o nível vocabular, dentre outros aspectos formais que eram levados em consideração com maior rigor.

Galvão coloca também que, com o passar do tempo, principalmente dos anos 1939 a 1959, é possível analisar um declínio no nível vocabular formal do cordel, pendendo para a coloquialidade e a proximidade com a oralidade, bem como uma maior atenção a um público que parece crescente, novo e que necessita de uma adaptação para que a leitura aconteça em ambientes em que há pessoas iletradas. Segundo ela,

[...] principalmente a partir de meados dos anos 30, os folhetos se tornam um impresso de “larga circulação”, mais adequados a um público pouco exigente e sofisticado, formado, supõe-se, em sua maioria, por pessoas analfabetas ou com um grau restrito de escolarização, pertencentes às camadas mais populares da população e pouco habituados ao universo letrado. (GALVÃO, 2000, pag. 159).

Vê-se que nesse período a literatura de cordel vai deixando de ser um bem cultural que circula com maior intensidade entre pessoas de classe média e leitores urbanos. Com a disseminação de agentes representantes independentes e com a profissionalização dos poetas que se tornaram, também,

seus próprios diagramadores, produtores e distribuidores, o cordel vai cada vez mais tomando espaço nas regiões interioranas, nas pequenas cidades e nas fazendas entre os trabalhadores e moradores. Diante da necessidade dessas novas adaptações a pesquisadora coloca que

[...] os impressos vão-se tornando, através da introdução de vários dispositivos, mais fáceis de serem lidos e manipulados por um público pouco habituado a outros objetos de leitura, que prefere ler os folhetos em voz alta e, em muitos casos, memorizá-los. No entanto, essas constatações também não devem ser consideradas de forma linear. Sabe-se, por exemplo que, na época em que sobretudo os folhetos mais antigos foram escritos, a sociedade era ainda muito marcada pela presença da oralidade e sobretudo a poesia era considerada um gênero oral, escrita para ser lida ou em voz alta, [...] (GALVÃO, 2000, pag. 160).

Os estudos de Galvão são confirmados por outros autores não menos ou mais importantes, mas tão eficazes quanto ela, inclusive, por outras pesquisas que são citadas em sua própria obra. Isso pode ser verificado nos trabalhos de Meyer (1980) os quais mostram que

[...] quando surgiram as máquinas impressoras, a divulgação dessas obras de

pequena tradição literária estendeu-se a um número maior de leitores: algumas eram escritas em prosa; a maioria, porém, aparecia em versos, pois era mais fácil, a um público analfabeto, decorar versos e mais versos, lidos por alguém (MEYER, 1980, p. 3 *Apud* GALVÃO, 2000, p. 160)

Sobre os leitores desse período na literatura, a autora traz os estudos do célebre Antônio Cândido²⁰, mostrando que boa parte do público leitor brasileiro – inclusive a elite –, é tida como um “público de auditores” – de qualquer tipo de literatura.

Esses estudos mostram que havia, provavelmente de forma proposital, um encurtamento nos tamanhos dos folhetos que culminou em um barateamento e, conseqüentemente, numa possibilidade de alcançar esse novo público que surgia. Os folhetos mais curtos são estrategicamente pensados, a partir dos anos 1940, pelos poetas e distribuidores, devido à popularização dessa literatura, para torná-la mais fácil para a memorização e a leitura em voz alta. Francisco Coutinho Filho²¹ (1972/1943) *apud* Galvão (2000) afirma

²⁰ Antonio Candido (1918-2017) foi um sociólogo, crítico literário, ensaísta e professor brasileiro, figura central dos estudos literários no Brasil. Autor de “Formação da Literatura Brasileira”, livro fundamental para quem quer entender a literatura brasileira. Disponível em https://www.ebiografia.com/antonio_candido/ Acesso em 12 de jan. de 2020.

²¹ Francisco Coutinho Filho foi um escritor paraibano (pai do também

que, quando criança, impressionava-se com a capacidade que apresentavam os trabalhadores – analfabetos –, em memorizar trechos inteiros de desafios famosos cantados por violeiros.

Zé Moreno, um dos entrevistados na pesquisa de Galvão (2000), afirma que

[...] a declamação de poemas de folhetos era comum em rodas de amigos, às vezes reunidas em bares: cada um recitava o que soubesse de cor, em uma verdadeira competição para se ver quem tinha melhor memória. (Galvão, 2000, p. 451).

Essa capacidade de memorização foi uma ferramenta essencial para o processo de letramento dessas pessoas, sendo analfabetas ou semianalfabetas.

Com a aproximação que houve entre a literatura de cordel e esse novo público leitor, um novo fator tornou-se evidente: o sertanejo que não tinha qualquer informação sobre a vida urbana ou sobre qualquer conhecimento acadêmico começa a terminar suas tardes ou finais de semana com uma nova atividade

escritor Edilberto Coutinho, que faleceu recentemente) e autor do clássico *Violas e Repentes*, editado no Recife em 1953.

para entretenimento junto aos amigos. Eles sentavam em roda nos terreiros a ouvir alguém declamar poesias em cordel as quais versavam sobre tantas temáticas importantes acerca do conhecimento de mundo desses ouvintes, sobretudo, os folhetos de circunstâncias que tratavam de informar sobre fatos acontecidos, uma espécie de jornal que circulava, embora de maneira não imediata, mas que levava ao público a informação com detalhes que eles não conheciam. Um exemplo disso é “O bárbaro crime das matas da Várzea” de João Martins de Athayde.

Na pesquisa de Galvão (2000), a autora realizou entrevistas com diversas pessoas do interior de Pernambuco e de Recife, que tiveram a oportunidade de participar desse momento da história. Dentro do recorte utilizado pela pesquisadora - que são os anos 30 à 50 do século XX – podemos colher dados muito importantes ao processo de educação daquele período. As leituras dos folhetos davam ao sertanejo a oportunidade de conhecer objetos que, até então, nunca ouviram falar. Dessa forma, passaram a assimilar vocabulários típicos das populações das zonas urbanas das grandes cidades e das capitais e acabaram, posteriormente, sendo letradas, inseridas nesse contexto social com muito mais facilidade, visto que já conheciam os desdobramentos urbanos, a linguagem dessa sociedade, a esperteza dos moradores da capital, a sujeira política, as respostas sensatas a determinadas situações etc. Sobre isso, a autora coloca que um fator muito significativo nesse sentido

[..] é o que se refere aos níveis de inserção na cultura urbana. Viver na cidade, embora originário da zona rural, imerso em um mundo onde o impresso se encontra em todos os lugares, parecia fundamental, naquele momento, para os processos gradativos de aquisição de uma maior familiaridade com a cultura escrita. (GALVÃO, 2000, p. 331).

Um detalhe muito importante, também, diz respeito ao próprio processo de alfabetização em si. Galvão (2000) declara que “o pertencimento de gênero também pareceu decisivo para a determinação dos graus de letramento dos entrevistados”. Muitos desses entrevistados declararam não ter tido a oportunidade de frequentar a escola formal, e também não tiveram acesso a livros didáticos que lhes possibilitassem um letramento, mesmo que informal, senão apenas as literaturas dos folhetos. Um deles chega a declarar:

"Mesmo quem não sabia ler comprava e aprendia a ler lendo cordel, decorava. E terminava aprendendo a ler (risos) por causa do cordel, né? Porque decorava aquela leitura do cordel (...) Ouvia e decorava e depois ia pra feira e daqui a pouco tava lendo folheto... (...) Acabava aprendendo, porque ele via o pessoal sempre com inveja, aqueles... lê aquilo ali, eles decorava, né? Então dali ia juntando as letra, daqui a pouco sabia ler. (...) Acompanhando. O cordel é uma coisa da antigüidade que... trouxe a muita gente

aprender a ler que comprava o folheto, porque queria ler também e terminava lendo. (...) Eu conheço, aqui não, no interior, né? Muita gente que aprendeu a ler por causa do cordel." (Edson). *In* (GALVÃO, 2000, p. 497).

Zefinha, outra entrevistada, traz a seguinte declaração sobre um primo:

"[...] ele aprendeu ler através... sem ninguém ensinar, só... porque ele trabalhava numa fazenda, aí quando entrava nas horas vagas dele, ele começava a olhar o folheto e assim ele aprendeu...ler. E lê bem mesmo. E é esse que canta... que lê cantando... Foi... ele aprendeu ler assim..." (GALVÃO, 2000, p. 497).

João Martins de Athayde, já mencionado anteriormente, segundo dados bibliográficos de Galvão (2000), na obra da pesquisadora Terra²² (1983), diante

²² Membro do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Defendeu sua tese de mestrado em 1978 junto a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É também autora de *Análise Morfológica da Literatura Popular em verso* (co-autora), *O ermitã e o anjo do nordeste*, *A literatura de folhetos nos fundos Villa*

da necessidade em que se encontrou para compor seus folhetos e realizar leituras, foi se apropriando dos folhetos de forma que alcançou o letramento necessário para sua inserção no meio produtivo do cordel. Além de Athayde, Galvão traz, também, as experiências de letramento do político de Gregório Bezerra²³, a partir dos folhetos.

O escritor/professor/filósofo, Paulo Freire, também, é mencionado por Galvão (2000) em sua pesquisa. Segundo ela, o autor

[...] considera sua experiência particular uma exceção: “Em lugar de uma enfadonha cartilha ou, o que seria pior, de uma ‘Carta do ABC’, em que as crianças tinham de decorar as letras do alfabeto, como se aprendessem a falar dizendo letras, tive o quintal mesmo de minha casa – o meu primeiro mundo – como minha primeira escola.” (Freire, 1994, p.49). Segundo o autor, uma das maiores dificuldades que enfrentou quando

Lobos publicado pelo Instituto de Estudos Brasileiros. FONTE: Ver. Inst. Est. Bras. (26) 1986.

²³ **Gregório Lourenço Bezerra** (Painéis, 13 de março de 1900 — São Paulo, 21 de outubro de 1983) foi um destacado dirigente comunista brasileiro, do PCB, participando dos Levantes da ANL, sendo deputado constituinte de 1946 e opositor da Ditadura Militar Brasileira. Disponível em https://www.wikiwand.com/pt/Greg%C3%B3rio_Louren%C3%A7o_Bezerra Acesso em 12 de jan. de 2020.

trabalhou no final da década de 1940 no SESI do Recife, foi tentar convencer os trabalhadores de que poderia haver outros caminhos, além da Carta do ABC, para a aprendizagem da leitura e da escrita. (GALVÃO, 2000, p. 235).

Não significa, necessariamente, nesse caso, que Paulo Freire alcançou sucesso na alfabetização a partir da literatura de cordel, mas, como o autor mesmo relata, ele não se prendeu às cartilhas de ABC e nem ao sistema de alfabetização formal. Ao contrário disso, utilizou o quintal de sua própria casa para buscar um autoletramento que, com certeza, foi baseado em leituras que lhe promoveram a interação necessária para que um leitor iniciante tivesse o ânimo necessário para descobrir suas habilidades leitoras.

Em um de seus cordéis, os poetas Arievaldo Vianna e Zé Maria, de Fortaleza colocam:

[...]

Quando ainda não havia

O rádio e a televisão

E os jornais não chegavam

A toda população

O folheto de CORDEL

Era o JORNAL DO SERTÃO

Lendo folhetos, então
O nosso povo sabia
Lenda de rei e princesa
E fato que acontecia...
Por ser cultura do povo
Ainda resiste hoje em dia

Muita gente o aprecia
Nas camadas populares
Porque leva informação
E divertimento aos lares
É cultura que resiste,
Forte, apesar dos pesares

Conheço muitos lugares
Nos cafundós do sertão
Onde o cordel é usado
Para a alfabetização
É o professor folheto
Herói da educação [...]

Esse cordel mostra que, assim como em Pernambuco, no Ceará, os folhetos tiveram uma grande influência como apoio aos letramentos. Em se tratando das pessoas entrevistadas por Galvão (2000), durante a sua pesquisa, a autora declara que, em relação aos ouvintes das rodas de letras

Todos os entrevistados revelaram que era corrente a presença de pessoas analfabetas no grupo de ouvintes. Em muitos casos, mesmo sem saber ler, compravam os folhetos e pediam a outra pessoa que lesse em voz alta. Os analfabetos, assim, “acompanhavam” os enredos das histórias dos poemas (GALVÃO, 2000, p. 420).

Foi pensando na capacidade multissemiótica, informativa e didática da literatura de cordel, que decidimos concebê-lo como uma ferramenta pedagógica auxiliar de multiletramentos. O cordel traz consigo a possibilidade de abranger essa multiplicidade cultural e semiótica em seus versos e, além disso, como coloca Stélio Lima (2013), pode ser utilizado como um instrumento educativo. Sendo assim, dentro da própria poesia cordelista, deve-se pensar em uma forma interdisciplinar de ensino-aprendizagem que proponha, de forma simultânea e lúdica, não somente sobre o ensino de gramática, mas também, sobre a literatura, sobre a história, sobre a matemática, sobre a arte, sobre a filosofia, sobre a sociologia, a ética, questões ambientais, saúde etc (LIMA, 2013).

Em consonância com essa expectativa educacional, Lima (2006) defende que o universo linguístico da gente nordestina e, particularmente, o modo como o poeta sertanejo serve-se do vocabulário regional, muitas vezes aproveitando construções eruditas

e clássicas incorporadas à fala cotidiana dessa gente, constitui-se fonte de enriquecimento e valorização da identidade linguística.

2.3 A literatura de cordel na sociedade contemporânea

Apesar do sucesso encontrado pela literatura de cordel no Brasil e pela sua importância no meio educacional em seu apogeu, nos anos 30 a 50, no entanto, começou a ser suprimido por volta dos anos 60, conforme é observado por Galvão (2000). Segundo a autora, somente nos anos 70 os olhares se voltam novamente para essa literatura popular e, desta vez, com forte influência do turismo, já explorado no país. Essa exploração é retomada com uma visão acadêmica que começa a surgir no interior das universidades brasileiras e estrangeiras, tornando o cordel um objeto de curiosidades e estudos também para os pesquisadores.

Os anos 70 e 80 foram marcados pelas produções dos poetas, pelas novidades que traziam em suas rimas, encantando os sertanejos, os visitantes e pelos estudos que foram empreendidos a sua volta. Todavia nos anos 90, há um novo declínio dos livretos, devido ao surgimento de grupos musicais que se

estabeleceram no meio artístico. Dentre essas motivações, houve as inovações no teatro, no cinema e dos próprios investimentos de políticas públicas, que segundo Galvão (2000), foram retirados da cultura popular pelas autoridades, enquanto receberam grandes investimentos outros movimentos em massa, como as festas de carnaval e outros ajuntamentos elétricos que atendiam melhor essa nova sociedade. Isso, segundo a pesquisadora, distanciou as pessoas das suas raízes e deu-se a busca pelo novo.

Essa mudança no aspecto cultural da sociedade é entendida e explicada pelos estudiosos devido aos avanços da globalização que têm provocado uma ressignificação e uma sofisticação nas linguagens dos elementos culturais populares, o que Galvão (2000) chama de influência de “movimentos de vanguarda²⁴ nacionais e internacionais pós-modernos”. Stélio Torquato Lima (2013, p. 133) explica que

²⁴ (...) Vanguarda é uma palavra que vem do francês “avant-garde”. Nas primeiras décadas do século XX, surgiu uma série de movimentos artísticos inovadores em todas as artes como a pintura, a literatura e principalmente a arquitetura. Estas correntes receberam a denominação de vanguardismo. Surgiram em um novo contexto social, onde o artista sente a necessidade de criar novos caminhos e novas formas de expressão. O criador tem o impulso de romper com o passado e apostar em estilos inovadores. Disponível em <https://conceitos.com/vanguarda/> Acesso em 12 de jan. de 2020.

[...] esse litígio resultou na marginalização das obras literárias identificadas com as camadas populares: sem o apoio de uma elite intelectual, que detinha o poder de chancela sobre o que era produzido pelos escritores, e sem o acesso ao aparato tecnológico que permitia a publicação em larga escala das obras, [...].

Nos últimos anos, muitas reportagens foram disseminadas pela mídia, pregando a “morte” do cordel, mas para os estudiosos não é essa a visão. Há diversos fatores imbricados nesse esteio, de forma que, apesar de termos a influência da televisão, a censura, a falta de interesse das autoridades pela literatura popular, uma sociedade em transformação contínua sob fortes influências do processo de industrialização, ainda há multiplicadores desse movimento popular tido como arcaico, mas que representa tão bem as raízes da sociedade brasileira, especialmente, da região Nordeste.

Os avanços tecnológicos têm provocado o surgimento de novos gêneros digitais e, isso, vem colocando gêneros comuns de gerações anteriores no armário, como se pode analisar com o gênero “carta pessoal”, por exemplo, que foi quase totalmente substituído pelo gênero “e-mail”. A exemplo disso, o “cordel”, que por abarcar temáticas e falares de poetas matutos e regionalistas, vem sofrendo preconceitos e sucumbindo em detrimento de gêneros literários mais urbanísticos e voltados às tecnologias. Sobre essa

discussão, Silva (2007, p.13) defende que, “Mesmo numa época em que a tecnologia e os veículos de comunicação de massa como a televisão e o rádio, por exemplo, estejam em constante evolução, o folheto continua informando e divertindo o leitor/ouvinte”.

Em virtude dessa ação involuntária, provocada pela mudança de comportamento da sociedade, essa literatura tem sido omitida no seio das instituições de ensino de tal forma que, em muitos casos, é fato que durante todo o percurso de estudos de um aluno, desde o ensino fundamental (anos iniciais) até a conclusão do ensino médio, participe-se de poucas oficinas, ou nem se tenha a oportunidade de participar sequer de uma oficina sobre cordel.

Em muitas escolas o cordel já não é mais uma das literaturas que podem ser encontradas nas prateleiras da biblioteca, o que Lima (2013) chama de preconceito com a cultura popular. O autor coloca que

‘A escola, infelizmente, incorporou esse preconceito em relação às obras da cultura popular. Ao determinar, por exemplo, os livros que mereciam o atributo de ‘obra clássica’, ou seja, que eram dignos de serem estudados em classe, a escola encarregou-se durante muito tempo de manter distante dos alunos as obras populares.’. (LIMA, 2013, p. 133)

Em decorrência desse pouco contato dos alunos com o gênero, conseqüentemente, a disponibilidade de acesso à leitura e à aquisição de folhetos de cordel em livrarias de suas cidades, como se mantinha a tradição do final do século XIX e início do século XX, em varais ou cordões dispostos pelas feiras e pelas praças, infelizmente, provocaram uma realidade de escassez dessa literatura.

Apesar do exposto, os olhares das autoridades começam a voltar-se para a valorização da cultura popular, sobretudo da literatura de cordel, nesses últimos anos. Desse modo, o cordel vem tomando um espaço em mídias nacionais como na TV Globo, por exemplo, que mantém o cordelista cearense Bráulio Bessa²⁵ no ar, todas as sextas-feiras, no programa “Encontro” com Fatima Bernardes²⁶, no qual apresenta o quadro “Poesia com rapadura” que representa muito bem a vida do nordestino, seus costumes, cultura e folclores.

²⁵ Bráulio Bessa é poeta cordelista. Nasceu no município de Alto Santo, no Sertão do Ceará, no ano de 1986. Com 14 anos aprendeu a amar a poesia de seu conterrâneo Patativa do Assaré (1909-2002). Depois que uma professora passou um trabalho escolar de pesquisa sobre o grande poeta de cordel. Disponível em <https://livrarianobel.com.br/index.php/o-contador-de-historias-braulio-bessa/> Acesso em 12 de jan. de 2020.

²⁶ Apresentadora de televisão contratada pela rede Globo de Telecomunicações.

Além desses programas, dessas reportagens e novelas que retomam o gênero popular, novos artistas poetas de forças regionais e de envolvimento com estudos acadêmicos de pós-graduação, como especializações, mestrados, doutorados e pós-doutorados, vêm fortalecendo esse bem cultural como uma necessidade de manter o seu *locus*. Com isso, vêm trazendo uma nova visibilidade, sobretudo, à literatura de cordel, principalmente devido seu potencial como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.

O cordel não é mais encontrado apenas em bancas, nas feiras, nem em espaços de mercado, pendurado em cordas como em outrora, mas, finalmente, alcança seu espaço nas prateleiras das livrarias, nas grandes editoras e distribuidoras e tem seu público diversificado entre as pessoas da sociedade. Esses livretos são procurados agora pelos professores de letras, estudantes universitários e intelectuais em geral. Tanto os pesquisadores e estudiosos como os consumidores, vêm adotando uma postura militante em relação à cultura popular do cordel, transformando o momento de sua escassez em um momento de fortalecimento cultural.

2.4 A literatura de cordel em interface com a Pedagogia dos Multiletramentos

Diante da capacidade e do histórico que tem a literatura de cordel de ser agente no processo de ensino, desde muito tempo, como se viu até aqui, nos motivamos a trazer propostas de inserção desse gênero como uma forma de suprir alguns anseios metodológicos de que a escola precisa para a sala de aula em tempos de tantos avanços tecnológicos.

Como vislumbrado na seção II, de um lado, tem-se a Pedagogia dos Multiletramentos, que surgiu da necessidade de trabalhar as multissemiões que já permeavam os novos gêneros nos anos 90 e exigiam do aluno uma capacidade de reconhecimento desses múltiplos gêneros que se apresentavam de forma simultânea, e da obtenção de habilidades para um novo contexto de multiculturalidade. Por outro lado, os folhetos chegaram às comunidades em meados do século XX, trazendo-lhes uma transformação em seu cotidiano, tanto nas questões relacionadas à comercialização como tirando-as das suas rotinas, promovendo-lhes momentos de entretenimentos, de festas e, principalmente, trazendo possibilidades de letramentos a incontáveis sertanejos. Apesar de não ter sido produzido um manifesto acerca de uma pedagogia dos letramentos que inserisse o cordel como uma ferramenta para auxiliá-lo, involuntária e propositadamente como na pedagogia dos

Multiletramentos, em muitos casos, ele tornou-se tão eficaz a esse processo.

O interesse em analisar a temática do cordel como ferramenta pedagógica de multiletramentos deveu-se, principalmente, por se tratar de um gênero literário que permite estabelecer uma interligação com a cultura popular e por possuir uma narrativa capaz de envolver o aluno. Assim, ao mesmo tempo em que é oferecida ao aluno a oportunidade de contato com a poesia, tem-se diante dele uma possibilidade de ampliar seu repertório vocabular e seus conhecimentos sobre outros saberes culturais, históricos, literários, filosóficos, entre outros. Ou seja, uma vez que esse gênero traz consigo um aspecto de representação multimodal, torna-se uma ferramenta indispensável para aproveitamento dentro do processo de ensino-aprendizagem como um *design* disponível.

Em virtude disso, direciona-se o olhar para o cordel, de maneira que se possa, no meio escolar, enxergá-lo como uma estratégia de inovação enquanto ferramenta auxiliar à Pedagogia dos Multiletramentos, pensada para a promoção do processo ensino-aprendizagem em sala de aula, visto que se trata de um recurso natural que dispensa o uso de TV's, Datashow, computadores ou qualquer outro meio eletrônico que poderá ser tão falho por diversos motivos técnicos. Em outras circunstâncias, tendo em vista a tecnologia que permeia a vida do aluno, pensar-se-ia no método com a literatura de cordel para planos secundários, todavia, este trabalho volta-se para o sucesso alcançado no

processo de ensino de Paulo Freire, no qual, debaixo de uma árvore ou no quintal de sua própria casa, ou onde fosse, poderia se estabelecer um contato com o conhecimento sem o intermédio das tecnologias. Isso coloca esse objeto para o primeiro plano nesse estudo. Vale ressaltar que a Pedagogia dos Multiletramentos não quis, com o manifesto, ligar essa perspectiva de aprendizagem apenas aos gêneros que emergiram com os avanços das tecnologias, mas aos diversos eventos e práticas comunicativas ligadas a leitura e a escrita em que se envolvem os estudantes contemporâneos, e que transcendam os letramentos de forma mais restrita e situe-os em uma prática transcultural e de múltiplas linguagens.

Levando em consideração as propostas do NLG, não se pretende, aqui, exprimir que as tecnologias sejam prejudiciais ou maléficas ao processo de ensino, mas que, nem sempre o professor disporá dos artefatos oriundos delas e, portanto, não poderá se prender somente a isso. Pode-se refletir a esse respeito com perguntas bem simples que podem trazer boas justificativas às propostas: Se a TV reservada pelo professor apresentar algum defeito eletrônico antes da aula prevista, há outra maneira de ensinar o que se previa, ou ele dependerá inteiramente dela? E se houver algum problema com o Datashow, ou com o computador, ou se faltar força elétrica no bairro, um disjuntor entrar em curto, faltar bateria no celular: o que fazer? Foi pensando nessas dificuldades e, sobretudo, na eficácia do cordel como um agente de utilidade no processo de aprendizagem, que se propôs pensar em uma ferramenta pedagógica que suprisse os anseios da sala

de aula de forma satisfatória, dinâmica e divertida.

O cordel é um gênero literário que, por ser de origem popular, mantém marcas linguísticas que conservam os falares e as expressões da oralidade de um povo; é uma espécie de poesia que possui uma grande riqueza em seu aspecto poético narrativo. Trata-se, portanto, de um gênero que teve princípio na oralidade, na contação de histórias reais ou lendárias; é heterogêneo e muito eficaz para a exposição de costumes, de tradição, de folclores, na transmissão de culturas e promove estratégica interação entre locutor e interlocutor, conforme as pesquisas de Galvão, (2000) e Lima (2013), dentre outros, o que pode ser de grande utilidade para inserir o aluno no processo de leitura e, com isso, facilitar a sua aprendizagem.

Rajo (2012, p. 8), corrobora essa concepção quando coloca que

[...] trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação ('novos letramentos'), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos.

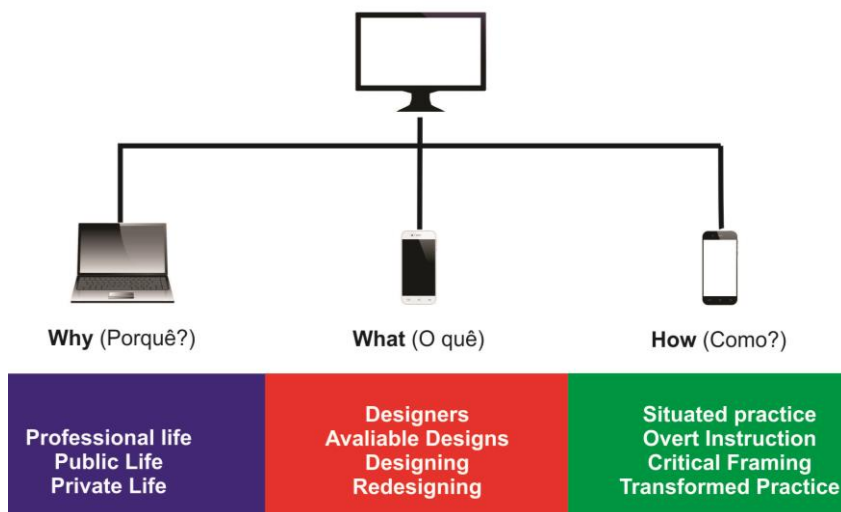
Em consonância com essa expectativa, Lima (2006) também defende que o universo linguístico da gente nordestina e, particularmente, o modo como o poeta sertanejo serve-se do vocabulário regional, muitas vezes, aproveitando construções eruditas e clássicas, incorporadas à sua fala cotidiana, são fontes de enriquecimento e valorização da identidade linguística.

Além disso, a Constituição Federal de 1988 (CF) e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei Federal n. 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), bem como nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN –, que foram elaborados para servir de referência ao trabalho docente, o professor é orientado a disponibilizar para os alunos, textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia [...], *‘dentre eles revistas de literatura de cordel’*, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros (BRASIL, 1997a, p. 61, grifo nosso).

Tendo em vista todos esses fatores e tomando como base a Pedagogia dos Multiletramentos, proposta pelo NLG, conforme colocam Cope e Kalantzis (2000), pretende-se, aqui, fazer observações a partir da literatura de cordel como um texto motivador à composição do *design*. Para o NLG, a sociedade humana aprende a partir de suas experiências práticas, tendo em vista o seu contexto cultural, desenvolvendo as interações colaborativas entre pessoas com habilidades e contextos bem diferentes, mas que fazem parte de uma mesma comunidade. Sendo assim, segundo Cope e Kalantzis

(2000), essa pedagogia integra três processos: o “Porquê” se faz, o “Quê” se faz e o “Como” se faz, conforme ilustrado abaixo:

Figura 1 - Elementos que motivaram a Pedagogia dos Multiletramentos.



Fonte: elaborado pelo autor

Os dois primeiros elementos dessa pedagogia não serão enfatizados neste trabalho, já que o foco é testar os componentes do terceiro, o “Como”, com a literatura de cordel. No entanto, faremos um comentário panorâmico, mesmo que de forma superficial.

O *Why* (Porquê), é o elemento motivador pelo qual o NLG decidiu reunir-se. O segundo, *What* (Quê) traz o componente essencial que é o *Available design* (Desenho disponível) e o terceiro, *How* (Como), trata-se da ação pedagógica e é composto por quatro componentes bastante complexos, os quais são: 1. *Situated Practice (designed and designing experiences)*; 2. *Overt Instruction (design)*; 3. *Critical Framing* e 4. *Transformed Practice*. Teve-se o cuidado de não traduzir os termos para não correr o risco de perder sua essência original e seus propósitos, mas serão explicados, na sequência.

Situated Practice é a prática situada. Trata-se da significação daquilo que se aprende na prática. Um aprendiz terá êxito sobre sua aprendizagem quando passar a compreender, criticamente, a presença de determinados gêneros em suas práticas sociais. Quando o estudante perceber o sentido do que se aprende dentro de seus múltiplos papéis no meio de uma comunidade multicultural, baseando-se em suas origens, experiências, necessidades afetivas e socioculturais, perceberá a utilidade da sua aprendizagem e estará motivado a aprender sempre.

Overt Instruction é a instrução explícita. Inclui todas as intervenções ativas feitas pelo aluno dentro da aprendizagem com a colaboração do professor, de modo que tenha consciência de que está realizando tarefas complexas de compreensão sem, contudo, perder a referência do professor que está ao seu lado, fornecendo-lhe orientação e interpretação de suas

tarefas, bem como sua relação com outros aspectos que estão sendo cumpridos.

Critical Framing é o enquadramento crítico. Nessa etapa o professor ajuda os aprendizes a terem controle e compreensão consciente das relações históricas, sociais, culturais, políticas e ideológicas centradas no valor de determinados sistemas de conhecimento e prática social. Segundo Cope e Kalantzis (2000), este é o momento de transferência de aprendizagens em que avaliações e testes poderão ser aplicados.

Transformed Practice ou Prática transformada é o momento em que o aluno precisa ir além da sua compreensão crítica dos sistemas e ser capaz de retornar ao começo, à *Situated Practice (prática situada)*, para fazer uma re prática de forma refletida. É um momento em que, na escola, os professores devem conduzir os estudantes a realizarem suas novas práticas refletidas fundadas em seus próprios objetivos e valores.

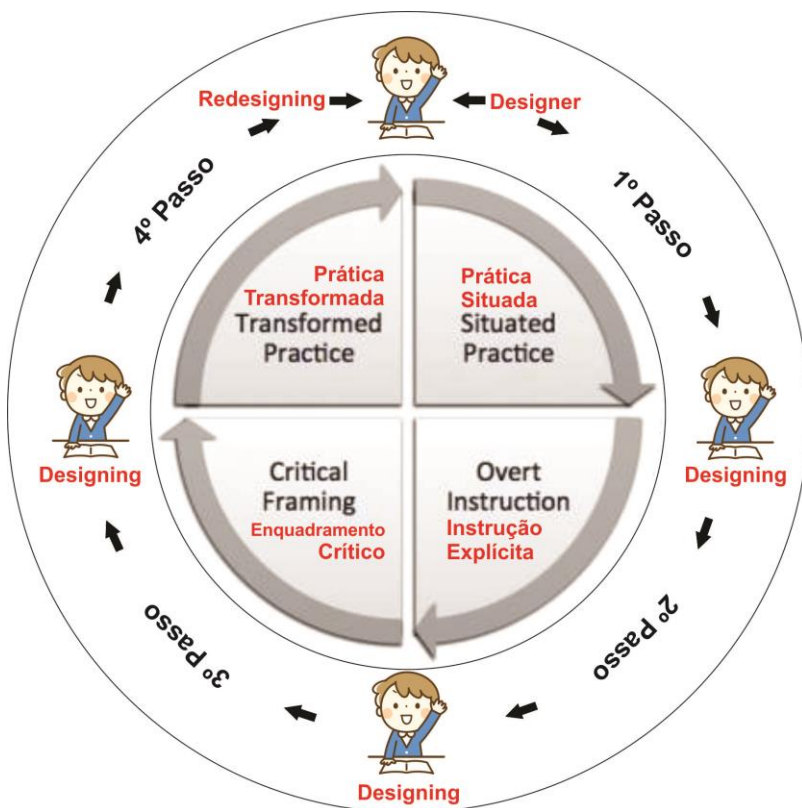
Na perspectiva do elemento “Que”, os autores Cope e Kalantzis (2000) explicam como um evento de aprendizagem se dá a partir do *design multimodal*, que, conceituando, são todos os gêneros e os letramentos que o aluno tem disponível tanto interna quanto externamente, no momento de sua prática, ou seja, os múltiplos letramentos. Nesse sentido, os autores colocam que o aluno é um grande construtor de *design* de significados, pois a todo momento está se utilizando

de *design* disponível, realizando sobre eles uma reflexão, seguida de uma nova prática ou *redesign*.

Em outras palavras, primeiro o aluno tem acesso a um *design* inicial, formado pelo conjunto das diversas informações que compõem o seu lugar de fala, levando-se em consideração os seus letramentos escolares e extraescolares advindos de suas diversas práticas sociais por meio da leitura e da escrita. Somam-se a isso, suas ligações com a multiculturalidade e a multimodalidade, as influências das tecnologias digitais, os diversos gêneros e os hipertextos que se somam, trazendo-lhe uma pluralidade de significados e influenciando, diretamente, os seus resultados cognitivos. Em seguida, durante os processos de *Overt Instruction* e *Critical Framing* propostos para o elemento “Como”, no “Que”, o aluno estará em uma construção do seu novo desenho. Logo, inicia-se uma construção de significados com a intervenção do professor, portanto, um processo de *designing*. Por fim, após o seu momento de reflexão sobre as informações dadas, tem-se o Enquadramento crítico e o momento da re-prática ou prática transformada, a qual os autores denominam-na de *redesign*.

Veja melhor na figura ilustrativa abaixo:

Figura 2 - Componentes do "Como" da Pedagogia dos Multiletramentos.



Fonte: elaborado pelo autor

Esses componentes do “Como” são, segundo Willian Cope e Mary Kalantzis, uma base para as práticas de multiletramentos, visto que vão distanciando o aluno dos letramentos comuns que eram limitados basicamente em formar estudantes passivos ou meros recipientes preparados apenas para memorizar e reproduzir o que recebiam do professor como verdade absoluta. Levando-os, portanto, a uma aprendizagem de construção de sentidos, produtiva, relevante, inovadora e voltada à formação crítica, tornando-os capazes de criarem novos sentidos numa sociedade hipermultimodal e em constante transformação.

Sendo assim, neste trabalho, pretende-se utilizar o passo a passo dos componentes do “Como”, conforme o NLG, como uma proposta pedagógica mediada pela narrativa de cordel, o qual servirá, também, como texto motivador e parte essencial na manifestação do *design* disponível para a abertura das discussões. Vale lembrar o que propôs Lima (2013) e Galvão (2000): o poema é um instrumento facilitador da memorização, auxiliando o aluno a reter o texto lido ou ouvido e, assim, demonstrar melhor interesse pela aprendizagem.

CAPÍTULO 3

CONTEXTO E ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA

Neste capítulo abordaremos a metodologia que foi utilizada no desenvolvimento deste trabalho. Será demonstrada a natureza da pesquisa, bem como o contexto da escola, os sujeitos da pesquisa e os profissionais docentes que deram o apoio necessário para a realização das aulas práticas. Haverá, também, um detalhamento sobre os instrumentos utilizados nas coletas e os dados por eles obtidos, os procedimentos que foram utilizados e as etapas que foram seguidas para que fosse possível perceber a evolução da aprendizagem a partir do *corpus* em análise.

3.1 As ferramentas do cordel e dos multiletramentos

Este trabalho é um estudo de caso preponderantemente textual e prático que se norteou pelo método de levantamento de dados históricos bibliográficos de natureza quantitativa com procedimentos descritivos do objeto. Para esse procedimento, foram feitas composições e utilizações de cordéis inéditos ou clássicos já existentes como objetos de experiências práticas de autores clássicos já consagrados historicamente e também da atualidade, os quais tratam sobre as temáticas voltadas ao ensino de linguagens na construção de estratégias metodológicas que se estabeleçam no processo de ensino-aprendizagem. Esse processo ocorreu de forma correlacionada ao conteúdo da disciplina de língua portuguesa que apresentou algum grau de dificuldade de absorção por parte dos alunos e que estava em evidência no plano de aula da professora regente na escola no momento da oficina prática.

Trata-se de uma pesquisa exploratória. Segundo Zikmund (2000), é tipo de pesquisa fundamental para detectar circunstâncias, averiguar opções ou encontrar novas ideias. É utilizada em trabalhos que buscam maiores informações e esclarecimentos acerca de um determinado assunto, o qual será desenvolvido em vindouras pesquisas ou quando o pesquisador já possui conhecimento prévio sobre o assunto investigado, a fim de averiguar outros esclarecimentos sobre essa temática.

Da mesma forma, caracteriza-se, também, como estudo de caso aplicado o qual visa descobertas de fenômenos na linguagem com utilização do cordel como fermenta auxiliar de multiletramentos, obtidos por meio de levantamento de dados bibliográficos sobre os quais é feita uma revisão literária para aprofundamento e para exercício reflexivo crítico. Em consonância com Yin (2001, p. 31), o estudo de caso “[...] tenta esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados”.

Para os procedimentos técnicos é feita uma análise de conteúdo e aplicações de questionários para coleta de dados. Além disso, é utilizada uma abordagem quantitativa, conforme expõe Nunan (1997), na qual os fenômenos observados são indutivamente descritos conforme a sua singularidade e subjetividade e interpretados com objetivos exploratórios, os quais facilitam familiaridade com o objeto da pesquisa e tornem as questões mais evidentes.

A pesquisa foi realizada com uma turma de 16 alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, anos finais, da escola Municipal EEF - Santa Edwirges, localizada na rua Paulo Afonso, S/N, no bairro Alto Alegre I, na cidade de Maracanaú/CE. Os alunos eram de faixa etária média entre 12 e 13 anos de idade.

Tendo em vista a escola ser localizada em um bairro simples, todos os alunos possuem, aproximadamente, o mesmo nível de aprendizagem e

contextualização social. Isso, certamente, foi um dos motivos do sucesso em uma coleta de dados mais precisa e dentro da perspectiva metodológica prevista.

Para que fosse identificado o nível de conhecimentos da turma sobre o assunto tratado com a utilização do cordel, inicialmente, foi realizado um teste diagnóstico com questões previamente estabelecidas e instrumentalizadas. Ao final, foi aplicado, novamente, outro questionário para identificar o avanço no processo da aprendizagem e para que pudesse ser observado o percentual de avanço da turma. Após esse levantamento de dados, alimentamos uma planilha em que consta a situação individual inicial de cada um dos alunos, seu processo de aprendizagem progressiva e uma situação final com os resultados das observações feitas e os seus possíveis avanços.

Os dados são coletados seguindo os seguintes procedimentos. Primeiro, é aplicado um questionário diagnóstico com a finalidade de conhecer o nível da turma sobre o assunto. Em seguida, é desenvolvida uma ação que se divide em três etapas descritas a seguir.

Etapa de aprendizagem (EA) - Nesta etapa, fizemos uma exposição do *design* que englobava o conteúdo trabalhado e a *Instrução Explícita* pela qual o aluno aprende com o intermédio do professor. Além disso, utilizamos o cordel como uma ferramenta pedagógica auxiliar de multiletramentos para abrir a

discussão e torná-la atrativa ao processo de ensino-aprendizagem.

Etapa de execução (EE) - Nesta etapa, os alunos tiveram oficinas de aulas teóricas sobre a historicidade do cordel e sobre sua estrutura enquanto poesia e gênero literário que, segundo a Pedagogia dos Multiletramentos, constituirá um momento de *Instrução Explícita* e *Enquadramento Crítico*. Feito isso, foram feitos testes orais ou escritos para verificar se o nível de aprendizagem estava melhorando, em caso de não estar, buscar consolidá-lo. Os alunos compartilharam o que foi aprendido com outros colegas durante as oficinas como uma forma de aprendizagem colaborativa.

Coleta do Produto da Pesquisa (CPP) - Como já dito, foram feitas atividades diagnósticas e produções de cordéis para a realização prática desta pesquisa. Esses cordéis, posteriormente, serão reunidos em um exemplar amostral e deverá ser impresso em pelo menos duas vias, as quais, uma ficará na biblioteca da escola para acesso e partilhas, e outra acompanhará a finalização deste trabalho como produto de pesquisa. Esses cordéis foram testados nas realizações das oficinas em sala de aula a fim de obter resultados para a produção dos dados, corroborando os estudos teórico-metodológicos de Moran¹ (2015), em metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda, nos quais

¹ Professor de Novas Tecnologias do curso de Televisão da Universidade de São Paulo. Autor do livro: "Mudanças na Comunicação pessoal".

se encaixam os métodos de utilização do cordel como ferramenta auxiliar de letramentos.

Ao final, aplicamos um novo questionário com a finalidade de obtermos os resultados da utilização dos métodos planejados para este fim, e alimentamos a planilha que traz o resultado individual e o percentual da aprendizagem coletiva.

3.2 Planejamento e Realização de Oficinas na Escola: Um Enfoque em Cordel para o 7º Ano

A parte prática desta pesquisa foi realizada em dois dias de aula. Junto à coordenadora da escola, Professora Patrícia Jô Macedo, escolhemos uma turma em que as aulas ocorressem dentro da nossa possibilidade de tempo e também em um momento em que a professora de português estivesse em fase inicial de algum conteúdo da área de linguagens para que se pudesse trabalhar com o cordel. Nesse sentido, acertamos que se trabalharia com uma turma de 7º ano.

Uma semana antes da realização da parte prática, nos reunimos na escola, o pesquisador deste trabalho e a coordenadora, para uma reunião sobre os últimos detalhes para a realização das oficinas junto à escola. Ela não colocou obstáculos, pelo contrário, foi

muito receptiva. Após esse momento, a coordenadora fez o contato com a professora de português que, por sua vez, prontamente, se dispôs a ajudar na organização dos dois dias necessários à realização das oficinas.

Como exposto acima, a pesquisa deveria transcorrer em três etapas: primeiro foi aplicada a Etapa de Aprendizagem (EA), na sequência a Etapa de Execução (EE) e, por fim, a etapa de Coleta do Produto da Pesquisa (CPP) para levantamento de dados.

Ao chegar à escola, a regência temporária da turma foi entregue ao professor pesquisador na quarta-feira, 13 de novembro, às 9h da manhã, após o intervalo. A professora havia cedido todo o restante do período daquela manhã e também da próxima quarta-feira subsequente.

O trabalho foi iniciado com a apresentação pessoal do pesquisador, meus agradecimentos e, em seguida, houve a exposição do propósito da pesquisa. Os alunos foram bem receptivos. A turma tinha 22 alunos matriculados, mas só havia 15 presentes na primeira oficina. Segundo a coordenadora, nem todos os alunos são assíduos devido aos vários problemas que ocorrem no contexto da localidade da escola. Muitos daqueles adolescentes não têm pais e são cuidados por parentes ou, quando os têm, são pessoas simples que pouco entendem a importância de manterem os filhos na escola com afinco. Em virtude disso, muitos alunos procuram alguma atividade para ganharem algum valor financeiro muito cedo, no intuito de ajudarem os pais com as

receitas de casa ou para atenderem às suas necessidades pessoais. Alguns deles já tiveram a infelicidade de tornarem-se participantes do comércio do tráfico de drogas que existe no bairro e no entorno da escola. Além disso, foi percebido que algumas alunas da faixa etária média entre 12 e 15 anos já têm sua vida sexual ativa e que estão, inclusive, gestantes. A coordenadora comentou que, muitas vezes, se desloca da escola até as residências de alguns alunos para saber o porquê de sua ausência nas aulas e tentar resgatá-los. Entretanto, há outros, dentre esses estudantes, os quais possuem famílias mais cuidadosas que ficam mais próximas dos filhos e da direção da escola em busca de um crescimento e de uma mudança de vida para aqueles adolescentes.

Após essa apresentação, como previsto, seguiu-se aplicando um questionário diagnóstico sobre o tema em concordância com a professora, o qual fazia parte do seu plano de aula de português para aquele momento e tratava sobre o gênero Notícia. O intuito desta aplicação foi colher dados que mostrassem o nível de conhecimentos dos alunos sobre o assunto antes de qualquer discussão para que, então, fossem engatilhadas as tarefas pedagógicas da pesquisa, uma vez que era o último assunto do ano e a professora já havia iniciado com eles esse conteúdo.

Apesar de os alunos já possuírem certa noção sobre o gênero notícia, após uma análise dos dados recolhidos, percebeu-se que a turma ainda estava em um nível de conhecimento muito defasado, superficial e

vago. Vários fatores levam aqueles alunos a terem dificuldades em sua aprendizagem. Dentre tantos, pode-se observar o próprio contexto familiar dos estudantes que convivem lado a lado com a violência naquele bairro, com as drogas, com a falta de perspectivas, entre outros fatores. Além desses agravantes, devido suas péssimas condições financeiras, muitos daqueles adolescentes passam necessidades, alimentam-se muito mal, atraem problemas de saúde, gravidez precoce, possuem restrições em seus relacionamentos e, tudo isso, sem dúvidas, culmina em uma complicação cognitiva e em uma variação muito acentuada quanto aos objetivos pragmáticos.

O instrumental aplicado para a colheita desses dados foi, cuidadosamente, preparado para colher informações bem precisas. Havia 5 questões no total da prova diagnóstica inicial: 4 delas tratavam sobre saberes e informações pessoais dos alunos, todavia, na questão 2 foram relacionados 30 itens aleatórios, dentre os quais 15 deles tratavam sobre características do gênero notícia, isto é, metade daqueles itens deveriam ser reconhecidos pelo aluno como elementos integrantes da estrutura e da linguagem do gênero notícia, enquanto a outra metade não evidenciava isso. As perguntas 3, 4 e 5 somente buscavam sondar se o aluno estaria disposto, ou não, a participar desta pesquisa.

Na sequência, logo abaixo, será exposta a planilha de resultados da aplicação da avaliação inicial. Os nomes dos alunos serão protegidos por questões éticas e substituídos por letras.

Quadro 1 - Resultado do teste diagnóstico inicial.

	ALUNO	ACERTOS	ERROS	TOTAL	%
01	A	7	7	14	50,0%
02	B	4	3	7	57,1%
03	C	3	3	6	50,0%
04	D	8	6	14	57,1%
05	E	9	7	16	56,2%
06	F	5	5	10	50,0%
07	G	7	5	12	58,3%
08	H	4	3	7	57,1%
09	I	4	3	7	57,1%
10	J	6	6	12	50,0%
11	K	5	10	15	33,3%
12	L	4	8	12	33,3%
13	M	3	10	13	23,0%
14	N	4	13	17	23,5%
15	O	3	9	12	25,0%
NOTA MÉDIA DE ACERTOS				5,0	
PERCENTUAL DE ACERTOS				50%	

Fonte: elaborado pelo autor

Após a aplicação do teste inicial, direcionado o olhar para a coluna do percentual de acertos, é possível perceber que a maior nota alcançada foi pelo aluno número 07-G a qual, apesar de ser a melhor, foi apenas 5,6. A média geral de acertos da turma foi apenas 5,0. Esse resultado foi muito importante, pois possibilitou a quantificação numérica e a qualificação do nível de conhecimento desses alunos, se é que é possível medi-lo e. A partir disso, a possibilidade de traçar metas para subir esses níveis a partir das aplicações dos métodos de trabalho pensados para esse fim.

3.2.1 Etapa de aprendizagem (EA)

Após a aplicação do teste, seguiu-se para a realização da primeira etapa da oficina que constituía o primeiro componente do “Como”, que é o *Avaliable Design* da Pedagogia dos Multiletramentos. Sendo assim, o cenário construído para esse momento estava composto, minimamente, pelos *design* dos conhecimentos em torno do cordel oferecido pelo professor, assim como o *design* do gênero notícia em poesia, o qual foi o assunto central, o *design* formado pelos conhecimentos prévios externos dos alunos a esse respeito, o material de apoio que foi levado para a sala de aula, as informações disponíveis no contexto de sua vivência prática e o que havia disponível nas redes

sociais digitais, as quais tiveram acesso anteriormente em algum momento. O professor utilizou todo esse *design* para ajudá-los a construírem uma aprendizagem exitosa.

Para a realização da EA, iniciou-se tratando com os alunos sobre os conhecimentos históricos e estruturais da literatura de cordel como forma de contribuir com o *Design* disponível. Esse assunto ainda era uma novidade para eles porque, segundo a professora, a aprendizagem sobre esse gênero literário só se dá, segundo o seu plano de aulas, no 9º ano. Apesar de ser algo desafiador aprender sobre métrica, rimas, além de compreender e reconhecer uma sílaba poética, um verso ou uma estrofe, notou-se empolgação da turma e uma facilidade na absorção desses conhecimentos.

Para que compreendessem melhor, foi feito um ensaio de tonalidade de leitura e um desafio para que lessem o cordel, “*A chegada de Lampião no Inferno*”, de José Pacheco², momento que se tornou bastante

² José Pacheco da Rocha, ou **José Pacheco**, como é mais conhecido, nasceu no Município de Corrientes, em Pernambuco, residindo algum tempo na cidade de Caruaru, naquele mesmo estado. Viveu muitos anos em Maceió, Alagoas, vindo a falecer naquela cidade, provavelmente em 1954. Folhetos de sua autoria foram publicados pela **Luzeiro Editora**, de São Paulo. Recentemente, a **Editora Queima-Bucha**, de Mossoró (RN), publicou o folheto *A intriga do cachorro com o gato*. Além disso, há edições de suas obras pela **Cata-vento**, de Aracaju (SE); **Lira Nordestina**, de Juazeiro do Norte (CE); **Coqueiro**, de Recife (PE), e por outras editoras.

interativo e serviu para consolidar a compreensão deles sobre o que é ser um gênero literatura de cordel.

Após os alunos saberem reconhecer o cordel, tendo em vista as suas características essenciais, passamos para a próxima parte que foi a exposição do conhecimento sobre o gênero notícia a partir de uma poesia em cordel, constituindo, assim, mais uma face do *design* disponível.

A narrativa explicativa sobre o assunto em pauta foi evitada fora da poesia, para que pudesse ser testada justamente a eficácia da narrativa poética no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, foi explicado aos alunos que se tratava de uma pesquisa científica, portanto, deveriam seguir, fielmente, as orientações. Quando todos estavam prontos, foi distribuído um impresso para cada um deles no qual continha um cordel de autoria do pesquisador deste trabalho, feito para este momento, em que trazia, didaticamente, uma exposição de conhecimentos sobre o assunto em evidência, como pode ser conferido a seguir:

Seus folhetos mais importantes são *História da princesa Rosamunda ou a morte do gigante* e *A chegada de Lampião no inferno*. Disponível em http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JosePacheco/josePacheco_biografia.html Acesso em 12 de jan. de 2020.

Gênero notícia em cordel

Agora vou lhe contar
Por meio de um cordel,
Como se faz a notícia,
À norma, sendo fiel;
Por isso, meu bom amigo,
Pegue lápis e papel.

A notícia, você sabe,
É um gênero facinho,
É comum entre jornais
Pra falar bem direitinho,
Atento à norma culta,
Informal, só um pouquinho.

Primeiro você escreve
Com letra bem destacada,
Título deve ser grande,
É a porta de entrada;
É pra chamar atenção
Resumida e explicada

Na sequência, logo abaixo,
Letra um pouco menor,
Escreva o subtítulo
A frase um pouco maior,
Nela coloque destaques,
Esse contexto é o melhor.

Agora vamos ao Lide,
O parágrafo primeiro,
Quem? Onde? Como? O que?
Quando? E por quê? do roteiro,
Responda essas perguntas
Que o texto fica maneiro!

O corpo é o resto do texto,
Escreva com liberdade,
Só não esqueça que em verbos
Há impessoalidade,
O estilo é de jornal,
Só fale se for verdade!

A linguagem é bem simples,
Objetiva e clara,
Todo tipo de leitor
Com seu texto se depara,
O entendimento é tudo,
Deixa a notícia bem cara.

Não esqueça que a notícia
É sequência narrativa,
Circula pelos jornais
E será sempre informativa.
Mas é bom ser bem esperto
E fazê-la criativa.

Pra não ficar muito grande,
Os versos vou terminar,
As rimas desse cordel
São só pra nos ajudar.
Agora estou entendendo,
Vou continuar fazendo,
Já sei como informar.

É com muita alegria
Que quero agradecer,
A escola Santa Edwirges
Por aqui me receber;
A turma é animada,

Um abraço, garotada,
Conhece-los foi um prazer!
(ALVES, 2019).

A metodologia de ensino pensada a partir da utilização do cordel como uma ferramenta pedagógica auxiliar de multiletramentos, concebeu-se exitosa por ter características artísticas motivadoras e por funcionar como um atrativo ao debate. Em circunstâncias expositivas tradicionais é possível que nem todos houvesse se engajado.

Durante o primeiro encontro, não foi possível passar muito adiante da apresentação do cordel e realizar uma leitura porque o tempo já havia se esgotado. Solicitamos que os alunos levassem os cordéis para suas casas e buscassem decorá-los para o próximo encontro a fim de que fosse realizado o teste diagnóstico final. Como previsto, eles conseguiram reter grande parte da letra do cordel. Na sequência, seguir-se-á para a análise da EE, a fim de perceber a dimensão que tomará a aprendizagem após essa fase.

3.2.2 Etapa de execução (EE)

Ao chegar à escola na aula seguinte, em 20 de novembro de 2019, iniciamos nossas ações docentes no mesmo horário da quarta-feira anterior. Após os cumprimentos, partimos para a Etapa de Execução EE. Novamente, faltaram alguns alunos, mas pelo menos havia um a mais que no primeiro encontro. Eles estavam em 16 presentes do total de 22 matriculados. Foi pedido para que cada um pegasse o seu caderno e tentasse escrever um texto em prosa, explicando como se produziria uma notícia a partir do que viram no texto do cordel.

Essa etapa foi pensada para acontecer com a mediação do professor, conforme propõe o NLG. Há, portanto, predominância de metalinguagens. O mediador foi direcionando os alunos ao pensamento crítico e a uma aprendizagem baseada em suas práticas de vida. Após a observação dessa segunda etapa que constituía o segundo componente do “Como”, foi possível notar se houve ou não um Enquadramento Crítico, visto que todos já haviam se apropriado do *Design* disponível e das devidas reflexões ao seu respeito, consolidando, assim, a terceira etapa da Pedagogia dos Multiletramentos.

Concluída essa parte, iniciamos o processo de *redesign* ou de re-prática. Neste último momento, foi possível notar o que houve de avanço desde a prática

situada inicial até a quarta etapa do processo, a prática transformada. Para tanto, solicitamos que formassem duplas e explicassem um ao outro, oralmente, como reconhecer um gênero notícia, sua estrutura e principais características de forma colaborativa. Durante o momento das falas entre os pares, passamos entre as cadeiras pelos corredores da sala, tentando ouvi-los e percebemos que já havia um bom avanço na construção do novo *design*, apesar de alguns deles ainda estarem um pouco inseguros.

Tendo em vista que os alunos realizaram várias atividades, o pesquisador pediu para que formassem um grupo e fizessem um recital no qual, em duplas, leriam as estrofes do cordel proposto para a aula, “*Gênero notícia em cordel*”, e procurassem utilizar o máximo de musicalidade de acordo com as rimas dos versos que estudaram e treinaram, anteriormente, como forma de promover uma acomodação do novo conhecimento que adquiriram.

3.2.3 Coleta do produto de pesquisa (CPP)

Ao final da apresentação do grupo, houve muitos aplausos e comemorações, visto que foi uma leitura bastante interativa e empolgante. O pesquisador

pediu para que retomassem os seus assentos para a realização da CPP, na qual deveriam responder ao instrumental de diagnóstico final, porém, agora, com esperança de que se elevasse o nível do percentual de acertos visto que havia boas expectativas a respeito das novas práticas.

Após responderem o instrumental de avaliação diagnóstica final, pôde-se relacionar os dados do quadro abaixo. Como no quadro 1, a quantidade de acertos está na penúltima coluna e o percentual de proficiência na última.

Quadro 2 - Resultados do teste diagnóstico final.

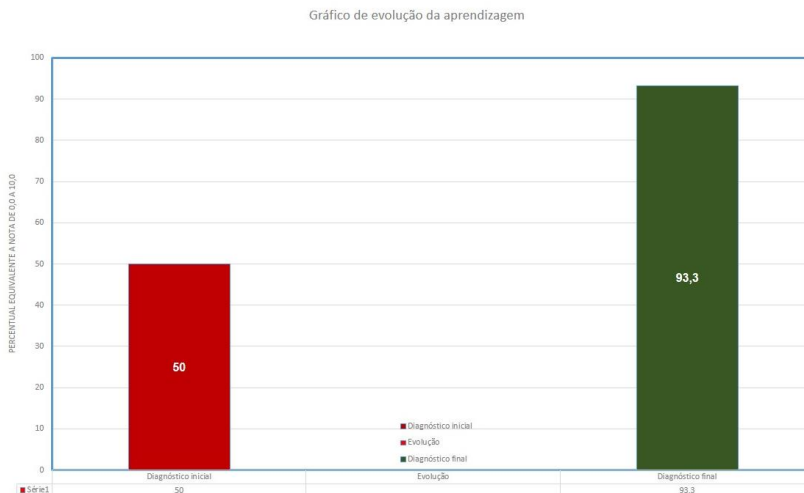
	ALUNO	ACERTOS	ERROS	TOTAL	%
01	A	4	2	6	66,6%
02	B	9	3	12	75,0%
03	C	8	3	11	72,7%
04	D	3	0	3	100,0%
05	E	12	4	14	85,7%
06	F	6	4	10	60,0%
07	G	10	1	11	90,9%
08	H	10	7	17	58,8%
09	I	4	2	6	66,6%
10	J	4	2	6	66,6%
11	K	9	1	10	90,0%
12	L	15	2	17	88,2%
13	M	15	0	15	100,0%
14	N	15	2	17	88.2%
15	O	11	1	12	91.6%
16	P	15	3	18	83.3%
NOTA MÉDIA DE ACERTOS				9,3	
PERCENTUAL DE ACERTOS				93,3%	

Fonte: elaborado pelo autor

Os resultados obtidos pela última aplicação do teste diagnóstico foram bastante positivos. Como pôde ser visto na primeira aplicação, a turma teve média 5,0, o que equivale apenas a 50% de acertos, tendo em vista já terem recebido anteriormente orientações da professora de português sobre o gênero notícia. Após duas oficinas de aprendizagem mediadas pela poesia em cordel, a turma teve média 9,3 no teste final, um percentual de 93,3% de acertos com o mesmo assunto. Um detalhe que deve ser levado em consideração, é que o aluno número 07-G, que na avaliação inicial alcançou nota 5,8, desta vez avançou para 9,9, basicamente atingindo a nota máxima. Resultados, ainda, mais satisfatórios ocorreram com os alunos 13-M e 14-N, sobretudo este último, que na avaliação inicial obteve nota 2,3 e avançou na última avaliação para 10,0, atingindo um crescimento de 77% em duas aulas.

Abaixo, um gráfico ilustra o crescimento geral da turma, um avanço de 43,3% na segunda aplicação em relação à primeira.

Gráfico 1 - Avanço de proficiência.



Os dados que confirmam essa experiência no gráfico acima, realmente, mostram que o cordel é uma ferramenta pedagógica eficaz ao processo de ensino. Um avanço de 43,3% em duas oficinas é bastante satisfatório, porque, a partir disso, pode-se pensar em ministrações posteriores de outros conteúdos, aproveitando um tempo maior. Além dos dados teóricos sobre a eficácia do cordel nos letramentos do século XX, expostos na sessão III deste trabalho, os avanços obtidos pelos alunos nas aplicações práticas sobre o gênero notícia, a partir do cordel, são provas do sucesso que se almejava nas hipóteses iniciais.

Como exposto anteriormente, o contexto social desses alunos são seus algozes. Muitos deles são taxados como pessoas incapazes de ter um futuro brilhante por pertencerem a esse meio social. Há, realmente, uma dificuldade quanto aos seus avanços acadêmicos, mas, como se pôde observar, métodos como o desenvolvido nesta pesquisa podem inovar e envolvê-los com a aprendizagem de forma que, como coloca Paulo Freire na “Pedagogia do oprimido: cartas pedagógicas e outros escritos”, sem a educação, provavelmente suas vidas nunca mudem, mas com esse processo, percebeu-se que o aluno se aproxima do conhecimento de forma bastante interativa, mesmo aqueles que, em situações comuns, não param quietos durante a aula e não conseguem prestar atenção nas exposições. Nesse sentido, a aprendizagem tornou-se mais significativa.

Para que fosse consolidada essa aprendizagem e houvesse certeza da eficácia do trabalho desenvolvido, foi realizada uma sondagem final por meio de uma bateria de perguntas randômicas³, orais, sobre possíveis novos *design* ou *redesign* obtidos nas duas oficinas sobre a literatura de cordel e sobre o gênero notícia e a relação desses conhecimentos com suas vidas práticas. À medida que as perguntas iam sendo feitas aos alunos, aleatoriamente, eles respondiam, e quando acertavam, ganhavam um bombom de chocolate. Foi uma estratégia para que eles não deixassem de responder por timidez ou apenas por não quererem participar.

³ Aleatórias

As perguntas não foram agrupadas de acordo com um único saber. Após ouvir as respostas dos alunos, pôde-se ter a certeza de que houve um diferencial entre o ensino expositivo de um conteúdo de forma tradicional em detrimento de um ensino interativo intermediado pela literatura de cordel. Em uma aula expositiva comum, normalmente, o aluno aprenderia sobre o gênero notícia, sua estrutura, sua linguagem, características, entre outros aspectos. Todavia, a partir do que foi visto no ensino mediado pelo cordel, os alunos conseguiram, ao mesmo tempo em que aprenderam sobre o assunto pretendido no plano de aula da professora, aprenderam, também, sobre a história do cordel, absorveram nomes de cordelistas importantes, adquiriram conhecimento sobre as estruturas poéticas, rimas, versos, estrofes, musicalidade, treinaram sua oralidade e praticaram leituras interativas, ligaram condutos entre culturas orais tradicionais com as culturas modernas, o impresso com o digital etc, em um período de tempo até mais curto do que teriam normalmente em uma aula tradicional

Após o término da oficina, em uma aula posterior com a turma, a professora sugeriu uma atividade na qual eles deveriam produzir uma notícia que tratasse sobre a nossa presença na escola e que nível de contribuição o nosso trabalho resultou para eles. Depois que recebeu os textos dos alunos, a professora os enviou ao pesquisador, que ao recebê-los e lê-los, teve a certeza de que sua prática com o cordel se consolidou. Embora alguns daqueles textos tivessem mais aproximados de um agradecimento que de um gênero notícia, percebeu-se a transversalidade de informações que se acomodaram na memória deles e as

ligações que fizeram com a multiculturalidade e diversidade de linguagens. Além disso, muitos dos textos recebidos, realmente, mostravam domínio da estrutura que se pedia e se esperava de um aluno que aprendeu sobre o gênero notícia. Textos curtos, claros, objetivos, com títulos e respostas às perguntas do lead.

CONCLUSÃO

Com essa pesquisa, percebemos que a parceria entre a Pedagogia dos Multiletramentos e a literatura de cordel pode ser muito eficaz ao processo de ensino. Essa conclusão tornou-se possível a partir das experiências observadas com o ensino do gênero textual nas oficinas práticas. É necessário levar em consideração que não se trata, especificamente, de uma perspectiva moderna digital de aprendizagem envolvendo o uso das novas tecnologias, mas de uma perspectiva voltada ao acústico, envolvendo um *design* que já faz parte do dia a dia dos estudantes, sejam eles pessoas letradas digitalmente ou não. É, realmente, uma ferramenta que pouco está sendo explorada de forma pedagógica e estratégica nesse sentido.

O presente trabalho trouxe uma exposição teórica sobre “multiletramentos” baseada nas origens dessas pesquisas com *NLG*. Além disso, acatou-se e fortaleceu-se a ideia fundamentada em Rojo (2012) e Cope e Kalantzis (2000) sobre a diversidade cultural e de linguagem que defendem a multimodalidade presente nos gêneros do cotidiano da sociedade contemporânea. Na perspectiva de trabalhos com a literatura de cordel foram explorados os estudos de Galvão (2000), de Marinho e Pinheiro (2013) e de Stélio Lima (2013) sobre

sua eficácia como ferramenta pedagógica de letramentos, durante o século XX no Brasil. Esses conceitos foram unidos a fim de identificar uma nova possibilidade de trabalhar os multiletramentos por meio de práticas didáticas que sejam significativas ao aluno, isto é, que façam parte de sua cultura ou meio social. Isso foi vislumbrado neste estudo quando se utilizou o cordel para promover o ensino do gênero notícia. Além disso, conclui-se que para realizar uma atividade atrelada à Pedagogia dos Multiletramentos, nem sempre se fará uso das novas tecnologias digitais.

Essa experiência serviu de base para, a partir do que foi visto durante a parte prática, começarmos a pensar em metodologias que se estabeleçam sem que estejam necessariamente atreladas ao digital (que é eficaz, porém, poderá ser tão falha). Por isso, é sempre importante o plano B em qualquer situação no processo de ensino. Essa proposta não foi a de substituição daquele método por este, mas sim a de diversificar as possibilidades de trabalhar a pluralidade de conhecimentos a partir de algo prazeroso e que já faça parte da cultura brasileira, neste caso especialmente, da nordestina.

É evidente que há uma necessidade, por parte dos professores, de acompanharem as tendências tecnológicas para a educação, expandirem os conhecimentos sobre os gêneros digitais que surgiram nesse novo cenário cibernético globalizado e tornarem-se um elo invisível entre o aluno e o conhecimento de forma que haja interação e crescimento do estudante

nesse meio. Todavia, apesar disso, não se pode deixar para trás as interações humanas, baseadas no contato dialógico, no verso, na dinâmica humana entre os participantes para se construir, a partir disso, uma diversidade de conhecimentos que, além de ser interdisciplinares, sejam também multiculturais e promovam relações sadias e de crescimento.

O cordel está, de certa forma, sendo deixado de lado por muitas instituições de ensino, conforme visto na sessão III deste trabalho, mas se tornou patrimônio cultural para o Brasil, conforme foi analisado na plataforma do Iphan. Assim, está recebendo uma atenção especial das autoridades no resgate desta cultura, bem como o empenho de artistas e estudantes nas academias universitárias de todo o país em busca de resgatá-lo. A partir disso, é possível crer que, com esse novo ciclo do cordel, pode-se construir metodologias que transformem com boas perspectivas o dia a dia do professor em sala de aula.

Por haver um comportamento preconceituoso por parte de muitas instituições de ensino em relação às literaturas de origem oral e, isso, é transmitido também às pessoas, mesmo que indiretamente, urge-se que as secretarias de educação realizem simpósios, capacitações, palestras, cursos de extensão ou qualquer outro meio que engaje os professores da educação básica numa luta constante pela preservação da cultura popular a fim de utilizá-la no processo educativo moderno. A busca pelo “novo” na área docente é muito importante e necessária, mas isso não significa que se

deva abandonar todas as práticas antigas pelas novas porque nem todas as práticas antigas envelhecem. Além disso, o foco dos multiletramentos, também, é levar o aluno a refletir sobre sua cultura local. Nesse sentido, o uso do cordel favorece, mais uma vez, a pedagogia dos multiletramentos.

Apesar do contexto tecnológico e da diversidade de gêneros digitais presentes na linguagem da sociedade moderna, pôde-se notar nas aulas práticas deste trabalho uma grande empolgação nos alunos quando se depararam com a proposta de aprendizagem mediada pelo cordel. Isso mostra que a obsessão deles por tecnologias vem do encantamento que elas provocam devido às portas de interação multimodal digital presente nas telinhas, mas se sabe que há outras possibilidades de encantá-los e conduzi-los à aprendizagem, provocando-lhes o gosto pela leitura e, sobretudo, pelas interações humanas que vêm diminuindo ao passo que as relações digitais vão sendo fortalecidas.

Retomando os objetivos específicos, a partir das exposições feitas nas sessões anteriores, foi possível perceber que o cordel tem uma trajetória brilhante como narrativa popular porque alcança as mais diversas faixas etárias e camadas de uma sociedade, portanto, torna-se uma ferramenta educacional muito eficaz. É uma narrativa rica, multimodal e que dá conta dos desdobramentos linguísticos multissemióticos típicos da sociedade moderna.

Vimos, também, que a Pedagogia dos Multiletramentos foi uma proposta com foco na sala de aula, trabalhando a multiculturalidade e multiplicidade de linguagem presentes nos gêneros, o que provoca a necessidade de um novo *ethos* docente para intermediar a aprendizagem do aluno. Notamos um acentuado avanço em níveis de proficiência na turma em que foram efetuadas as oficinas práticas e o quanto o cordel contribuiu para atrair a atenção dos alunos ao *design* gênero notícia e para todos os outros saberes multidisciplinares que se tornaram possíveis em torno dessa narrativa poética.

A partir disso, sugerimos que as ferramentas utilizadas na produção prática deste trabalho de forma exitosa sejam reproduzidas por professores docentes no processo de ensino e testadas em outras situações que caracterizam dificuldades na aprendizagem, como é o caso dos alunos com necessidades especiais ou de baixa capacidade cognitiva. Após essa experiência, percebemos o quanto poderá ser importante o resgate da literatura de cordel para a sala de aula, visto que se trata de um bem cultural do povo brasileiro e já mostrou sua eficiência nos letramentos do século XX e no ensino com a multimodalidade presente no contexto da atualidade.

É interessante que os gestores das instituições dediquem-se em reorganizar as suas bibliotecas, trazendo novidades, preparando o cantinho da literatura popular, além de pensarem eventos para demonstrações e apresentações no seio da escola como

feiras de cordéis e apresentações com artistas regionais, até que os folhetos, que hoje apresentam-se em modernos livretos, possam ser vistos pelos alunos como uma das opções prazerosas de leitura, e passem a sentirem-se herdeiros da cultura de seu povo.

Sem dúvidas, os resultados dos múltiplos conhecimentos que puderam ser observados após as duas oficinas com os alunos, são suficientes para que se possa conceber o cordel como uma ferramenta pedagógica auxiliar de multiletramentos para a sala de aula. As narrativas dos folhetos são heterogêneas e trazem uma diversidade de vozes conflitantes, visões de mundo diferentes entre seus personagens, visões ideológicas e tantas outras semioses que o promovem como agente eficaz de letramentos.

Como formas de sugestões metodológicas para se trabalhar o cordel na perspectiva dos multiletramentos, orientamos aos professores que avaliem seus planos de aula junto à matriz curricular de seus alunos para que sejam traçados métodos a fim de alcançar os objetivos propostos por cada assunto, selecionando cordéis que já existam ou compondo novas narrativas que alcancem os propósitos de suas demandas. É importante lembrar que os cordéis do tipo romances, com mais de 31 estrofes, não são interessantes neste momento, visto que são muito extensos e poderão cansar o aluno antes que absorva o necessário para cada oficina.

Vale lembrar, também, que a roda de leitura em cordel e as apresentações que levem o aluno a decorá-lo não são o destino final do propósito metodológico aqui referido, mas apenas parte dele. Se o propósito final se restringisse apenas em um sucesso baseado nos múltiplos conhecimentos em que o aluno pudesse obter a partir do momento em que decorasse um cordel, ele estaria sendo transformado em um simples robô e não seria cumprido o objetivo de formar a pessoa humana para os desafios sociais de forma crítica e autônoma.

A sugestão é, portanto, que após o aluno ter absorvido os conhecimentos dispostos no propósito narrativo do cordel e ter organizado o seu *design* inicial em mente, o professor realize um segundo momento para promover a prática reflexiva, construindo um *designing*. Os alunos necessitam saber o porquê daquelas informações, em que contextos de suas vidas poderão ser aplicados esses saberes, em que tipo de convívio social, por exemplo. Depois dessa etapa, sugerimos que, por fim, os alunos se apropriem dos conhecimentos estruturais da poesia de cordel, junto aos conhecimentos do propósito da narrativa e às conclusões obtidas a partir de suas reflexões, para se desafiarem na produção de uma nova prática refletida, o *redisign*, utilizando esses conhecimentos recebidos como agentes transformadores, inserindo neles o seu posicionamento, sua ideologia de vida e sua visão de mundo.

Ao realizar essas etapas pedagógicas, o professor estará utilizando um caminho de aprendizagem

na perspectiva de que trata o NLG, referindo-se à *Situated Practice*, em que o aluno se deparará com o *design* das suas práticas situadas. Ao realizar um momento de reflexão sobre a aprendizagem com o cordel, o professor promoverá a *Overt Instruction*, em que o aluno realizará intervenções a partir de seus conhecimentos e com a participação do professor. Na sequência, no *Critical Framing*, o aluno realizará seu processo de criticidade a respeito de todos esses novos saberes e, por fim, a *Transformed Practice*, na qual o aluno retornará à sua prática inicial, mas agora, de forma refletida.

É preciso que se faça uma ressalva a respeito dessa proposta pedagógica. Segundo Cope e Kalantzis (2000), essa sequência não precisa, necessariamente, apresentar-se nessa ordem. O professor precisa ter a sensibilidade de perceber o que há de *design* disponível e utilizar a ordem dos componentes de forma que supram as necessidades de seus alunos, porque nem todos os contextos trarão os mesmos resultados, seguindo os mesmos métodos. Se assim fosse, a sociedade seria homogênea, robotizada e o processo de ensino poderia, perfeitamente, funcionar no piloto automático sem que houvesse a necessidade de um professor, mas apenas a de um operador. A heterogeneidade da sociedade é um fato já conhecido pelos educadores.

Por fim, aqui serão deixadas pelo menos duas inquietações como forma de provocar novos momentos de pesquisas sobre multiletramentos a partir da literatura

de cordel: 1. Como seria um cordel produzido por um aluno que passou pelos quatro fatores práticos do “Como” no processo de produção e recepção de conhecimentos compartilhados, a partir da narrativa de um cordel seminal? 2. Como seria o desenvolvimento da pedagogia dos multiletramentos com a literatura de cordel, em relação às pessoas com necessidades especiais?

Consideramos, portanto, ter satisfeito os objetivos desta pesquisa e, com isso, contribuir com o bom andamento da educação. Desejamos que o dia a dia do professor torne-se mais prático e o percurso educativo dos alunos faça sentido e seja cada vez mais prazeroso. São passos como esses que, aos poucos, vão tornando possíveis as metas do Ministério da Educação, dos governos estaduais e municipais, das escolas e, sobretudo, do próprio educando como sujeito central do sistema educacional.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. M.. **Gênero notícia em cordel**. Disponível em <<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/6799034>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

BARBOSA, A. M. T.. **Arte-Educação: leitura no subsolo**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BEVILAQUA, R.. Novos estudos do letramento e multiletramentos: divergências e confluências. **Rev. Let – Revista Virtual de Letras**, v. 05, n. 01, jan./jul. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso: 20 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: Temas transversais/Ética**. Brasília: MEC, 1997c.

COPE, B. KALANTZIS, M. **Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures.** Routledge: London, 2000.

DINIZ, S. N. F. **O uso das novas tecnologias em sala de Aula.** Belo Horizonte, 2001. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GALVÃO, A. M. O.. **Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950).** Belo Horizonte: UFMG, 2000. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-84NPAE>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

LEFFA, V. J.. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 389-411, jul./dez. 2012.

LIMA, S. T.. Os PCN e as potencialidades didático-pedagógicas do cordel. **Acta Scientiarum, Education**, Maringá, v. 35, n. 1, p. 133-139, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19897/1/2013_art_stlima.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

LUCKESI, C. C.. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese. In: LUCKESI, Cipriano Carlos

(Org.). **Ludopedagogia - Ensaios 1: Educação e Ludicidade**. Salvador: Gepel, 2000.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO H.. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Trabalhando com na escola).

MORAN, J. M. Mudando a educação com metodologias ativas. In: _____. **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. [S.l.:s.n.], 2015. Disponível em: <<http://rh.newwp.unis.edu.br/wp-content/uploads/sites/67/2016/06/Mudando-a-Educacao-com-Metodologias-Ativas.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

NUNAN, D. Research Methods in Language Learning. In: ARAUJO, Antonia Dilamar. **Metodologia da pesquisa em língua inglesa**. Fortaleza: Uece, 2018.

OLIVEIRA, M. B. F.; SZUNDY P. T. C. Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 9, n. 2, ago./dez. 2014.

ROJO, R. Gêneros do discurso, multiletramentos e hipermodernidade. In: ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 115-145.

ROJO, R.. **Pedagogia dos Multiletramentos:** Diversidade cultural e de linguagens na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, A. M.. Métodos e procedimentos utilizados na educação especial na perspectiva da educação inclusiva. **Revista Veras**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 37-61, jan./jun. 2014.

SILVA, J. C.. **Literatura de cordel:** um fazer popular a caminho da sala de aula. Joao Pessoa: UFPA, 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wpcontent/uploads/2012/11/images_josi.pdf> Acesso em: 10 ago. 2019.

SOARES, M.. **Letramento:** um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 128p.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZIKMUND, W. G. **Business research methods.** 5. ed. [S.l.]: Dryden, 2000.

Foto da turma recitando cordel



Fonte: Imagem do próprio autor da pesquisa.

Este livro expõe os resultados de uma pesquisa de especialização em alfabetização e multiletramentos, desenvolvida entre os anos 2019 e 2020 na pós-graduação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Nele, o leitor terá a oportunidade de conferir o percurso conceitual e historiográfico do cordel, bem como sua importância para a consolidação da cultura popular brasileira. Além disso, há um percurso histórico conceitual no âmbito dos letramentos, perpassando estudos que se estendem desde os anos 1980 até a atualidade, considerando importantes mudanças epistêmicas dos letramentos aos multiletramentos. As atividades práticas foram realizadas em uma escola de periferia, e os resultados da pesquisa estão compilados e organizados, visando contribuir com uma proposta pedagógica de atividades com cordéis para auxiliar professores e professoras que atuam no contexto da educação básica.

BOA LEITURA!



Contatos

☎ (85) 9.8729-1380

📷 @assuério_marcos

✉ marcoscavalcante.ufc@gmail.com

Mestre em Linguística Aplicada (UECE); Especialista em Alfabetização e Multiletramentos (UECE); Graduado em Letras Português (UFC). É professor na Faculdade de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará (CH-UECE); Tutor presencial no curso de Letras Português EaD da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); É, também, professor na Secretaria de Educação Básica (SEDUC/CE). Desenvolve pesquisas no âmbito dos letramentos, multiletramentos, materiais didáticos e tecnologias no contexto da educação.

